



# ARAUTOS DO EVANGELHO

*Associação Internacional de Direito Pontifício*

*O santo do  
quotidiano*

*Flashes  
de Fátima*

Ano IX Nº 51 - Agosto 2007





**D**o profundo abismo clamo por Vós, Senhor!

Senhor, escutai a minha voz. Estejam os vossos ouvidos atentos à voz da minha súplica.

Se tiverdes em conta as nossas faltas, Senhor, quem poderá salvar-se?

Mas em Vós está o perdão, para serdes temido com reverência.

Eu confio no Senhor, a minha alma confia na sua palavra.

A minha alma espera pelo Senhor, mais do que as sentinelas pela aurora.

Mais do que as sentinelas pela aurora, Israel espera pelo Senhor, porque no Senhor está a misericórdia e com Ele abundante redenção. Ele há-de libertar Israel de todas as suas faltas.

(Salmo 129, atribuído ao Rei David)

“Rei David”  
Praça de Espanha,  
Roma



# Flashes de Fátima

Boletim da Campanha  
"O Meu Imaculado Coração Triunfará!"

Ano IX nº 51 - Agosto 2007

I.C.S./D.R. nº 120.975  
Dep. Legal nº 112719/97

**Proprietário e editor:**  
Associação dos Custódios de Maria

**Director:**  
Manuel Silvo de Abreu Almeida

**Redacção e administração:**  
Av. de Berna, 35, 4 Dto.  
1050-038 LISBOA

Tel: 212 338 950 / Fax: 212 338 959

www.arautos.org.br

E-mail: pedidos@custodiosdemaria.pt

Assinatura Anual: 24 euros

Com a colaboração  
da Associação  
Privada Internacional de Fiéis  
de Direito Pontifício

**ARAUTOS DO EVANGELHO**

**Conselho de redacção:**

Guy Gabriel de Ridder, Juliane  
Vasconcelos A. Campos, Luis Alberto  
Blanco Cortés, Mariana Morazzani  
Arráiz, Severiano Antonio  
de Oliveira

**Impressão e acabamento:**

Istituto Veneto di Arti Grafiche s.p.a.  
Via Parini, 4  
35030 Caselle di Servazzano - PD - Itália

Os artigos desta revista poderão ser reproduzidos,  
desde que se indique a fonte e se envie cópia à  
Redacção. O conteúdo das matérias assinadas  
é da responsabilidade dos respectivos autores.

Membro da



Associação de Imprensa de  
Inspiração Cristã

Tiragem: 40.000 exemplares

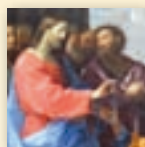
# SUMÁRIO

Escrevem os leitores ..... 4

Novos movimentos e antigos  
carismas (Editorial) ..... 5



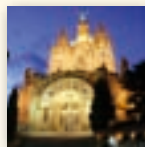
A voz do Papa –  
A missão é um  
dever de todo batizado ..... 6



Comentário ao Evangelho –  
Basta rezar? ..... 10



São Josemaria Escrivá –  
O santo do cotidiano ..... 18



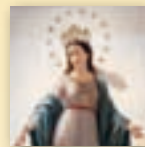
O Santuário  
do Monte Tibidabo ..... 23



Arautos no mundo ..... 26



Entrevista de Dom Angelo  
Comastri – Fazer viva a  
memória de Pedro ..... 30



Tesouro da Oração –  
Oração à  
Santíssima Virgem ..... 34



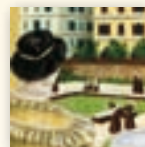
Cápua: preciosa lição  
de vida espiritual ..... 35



A palavra dos Pastores –  
Maria, a linguagem por  
excelência do amor de Deus ..... 38



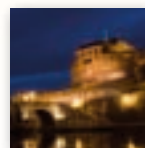
Aconteceu na Igreja e  
no mundo ..... 42



História para crianças...  
Que risos tão alegres! ..... 46



Os santos de  
cada dia ..... 48



Castelo de Sant'Angelo ..... 50

# ESCREVEM OS LEITORES



## **RIQUEZA ESPIRITUAL DOS ARTIGOS DO P. JOÃO S. CLÁ DIAS**

Obrigada pelas belíssimas orações propostas e pelas lindíssimas gravuras estampadas. É um prazer ler esta Revista que, a meu ver, é uma preciosa obra-prima de divulgação da palavra de Deus. Gosto dos artigos do P. João Scognamiglio Clá Dias que, com tanto amor, riqueza espiritual e precisão, comenta mensalmente algum Evangelho, dos quais tornei-me afeiçoada. Tornaram-se para mim uma obrigação importante. Leio-os com grande emoção e serenidade. A palavra de Deus por vós comentada e testemunhada, além de me guiar, dá-me também a resposta que procuro. Vosso caminho, com certeza é iluminado pela Virgem de Fátima.

*Fernanda C.  
Roma, Itália*

## **UMA PORTA DA IGREJA ABERTA AO MUNDO**

Felicito a equipa da revista “Arautos do Evangelho” pela excelente qualidade gráfica, pelos assuntos abordados que são uma porta da Igreja aberta ao Mundo. Bem-hajam pelas páginas dedicadas a Sua Santidade, o Papa Bento XVI,

na viagem que efectuou ao Brasil, tocando e arrebatando o coração do povo brasileiro que o recebeu com manifestações de Amor, Fé e a Simpatia que os caracteriza!... O Papa Bento XVI revelou a Sua mensagem de Amor, Empatia, Afecto e Fraternidade, o seu Carisma e o seu Humanismo a todo o Mundo. Ficamos elucidados sobre a espiritualidade dum povo que ama e sabe receber o Pastor que soube reunir o seu rebanho. Fiquei encantada com a imagem mi-

lagrosa do santuário de Nossa Senhora Aparecida (Brasil)!... Que Nossa Senhora de Fátima abençoe o Pastor da nossa Igreja Católica e Apostólica!

Continuem a divulgar as obras de Deus que tanta falta fazem no mundo materialista que muitas vezes é autista em relação aos valores e à palavra de Deus.

*Ana Maria Andrade  
Por email*

## **TRATA TAMBÉM DE TEMAS HISTÓRICO-CULTURAIS**

Agrada-me ler a Revista porque trata não somente de assuntos relativos à esfera religiosa, mas também de temas histórico-culturais. Além do mais, aprecio a boa vontade em tratar de alguns problemas que convém a um cristão saber. Para não falar, também, das amenas histórias que, além de conter uma boa dose de fantasia, não carecem de ensinamentos profundos a respeito de coisas que é útil conhecer e reflectir. Não faltam notícias interessantes como, por exemplo, a origem do sino, que dificilmente se encontram em outras revistas. Tudo expresso num estilo simples e apaixonante.

*Diego de Martino  
Isernia, Itália*

## **“O MAIOR PECADO QUE SE COMETIA”**

Dada a actualidade do tema “aborto”, envio-vos um testemunho do P. Sopocko, director espiritual de Santa Faustina Kowalska, durante o processo informativo para a sua Canonização (Em Diário, 2ª Edição, Fátima, 2003, página 507): “Tinha escrito também no Diário que Jesus Ihe havia dito que seria destruída, como Sodoma, uma das mais belas cidades da nossa Pátria (Varsóvia, que viria a ser destruída por ataques aéreos na 2ª Guerra Mundial),

por causa dos pecados que se iam cometendo. Quando, mais tarde, depois de haver lido o Diário, a questioneei claramente sobre tal, confirmou que assim era. Tendo-lhe também perguntado quais os pecados pelos quais Deus infligia um tal castigo, respondeu que seriam sobretudo pelo aborto das crianças, assim impedidas de nascer, sendo esse o maior pecado que se cometia”.

*Maria Emília Costa de Carvalho  
Porto*

## **ALEGRIA PELA EXPANSÃO DOS ARAUTOS**

Estou a escrever para louvar a valiosa e edificante Revista por vós publicada. Causa-me muita alegria testemunhar a expansão dos Arautos do Evangelho. As fotos que ilustram a reportagem da visita do Cardeal Hummes ao seminário dos Arautos em São Paulo são até mais significativas que o próprio artigo. Fiquei realmente cativada pelas faces alegres daquela multidão de meninos, todos iniciando uma vida dedicada ao serviço da Igreja. Que lufada de ar fresco no terreno vocacional! Que resposta as nossas orações obtiveram!

*M. Torres  
Hamilton, Canadá*

## **VOLTEM À COVILHÃ!**

Queria agradecer-vos a manhã de Domingo, dia 24 de Junho, que tive a oportunidade de assistir à missa, aos vossos cânticos, ao filme na Igreja de Santa Maria Maior aqui na Covilhã. Foram umas horas tão bem passadas que nem apetecia vir para casa... e a Imagem de Nossa Senhora que ia no andor é tão linda! Do fundo do meu coração agradeço este Domingo que nunca vou esquecer e, quando pudermos, voltem à Covilhã!

*Maria Alice Rodrigues Pais  
Covilhã*

## NOVOS MOVIMENTOS E ANTIGOS CARISMAS

**A** galopante secularização da sociedade contemporânea, e a conseqüente diminuição de vocações sacerdotais e religiosas, podem proporcionarada resposta da Igreja. De onde haver quem se pergunte como ela encontrará os recursos necessários para vencer essa enorme crise de fé, tantas vezes apontada pelos Papas da nossa época: *‘A fé de muitos é posta à dura prova, e não raramente, é sufocada e extinta. (...) Percebe-se, então, com urgência a necessidade de um anúncio forte e de uma sólida e aprofundada formação cristã’* (João Paulo II, Discurso, 30/05/1998, n. 7).

É claro — todos o sabemos bem — que a Igreja, além de ser governada e vivificada pelo Espírito Santo, tem a promessa, feita por Nosso Senhor Jesus Cristo, da invencibilidade face ao mal. Mas podemos perguntar-nos quais os sinais visíveis de uma solução para os desafios actuais.

E a palavra do sucessor de Pedro aponta-nos um rumo: *“Os movimentos e as novas comunidades eclesiais: eles são a resposta suscitada pelo Espírito Santo a este dramático desafio do final de milénio”* (João Paulo II, Discurso, 30/05/1998, n. 7).

Hoje em dia, seria uma redundância afirmar que os novos movimentos são uma novidade, na Igreja, se os compararmos com os institutos religiosos surgidos em épocas anteriores para dar resposta aos problemas do seu tempo. O próprio Papa João Paulo II ressaltou esse aspecto: *“Os movimentos caracterizam-se pela comum consciência da ‘novidade’ que a graça baptismal traz à vida (...) Isto dá origem a um renovado impulso missionário”* (Mensagem, 27/05/1998, n. 2). Talvez seja na forma de entender esse *“impulso missionário”* que se encontra um dos aspectos inovadores dos novos movimentos. Enquanto os institutos religiosos anteriores, embora muitos deles movidos por um intenso ardor missionário, estabeleciam uma separação nítida entre os seus membros e a sociedade temporal, os novos movimentos procuram evangelizar o mundo sem dele sair; sacralizando as realidades temporais, como é proposto pelo Concílio Vaticano II: *“Quanto aos leigos, devem eles assumir como encargo próprio seu essa edificação da ordem temporal e agir nela de modo directo e definido, guiados pela luz do Evangelho e a mente da Igreja e movidos pela caridade cristã”* (AA, 7).

No entanto, há nos novos movimentos um aspecto que talvez ainda não tenha sido suficientemente ressaltado. É uma *“firme fidelidade ao património da fé, transmitido pelo fluxo vivo da Tradição”* (João Paulo II, Mensagem, 27/05/1998, n. 2). Tal fidelidade transparece numa singular vinculação com a espiritualidade e o carisma de movimentos suscitados pelo Espírito em anteriores eras. Assim, por exemplo, a mais recente associação internacional de fiéis aprovada pela Santa Sé — “Franciscanos de Maria”, fundada em Espanha — procura inspirar-se no carisma franciscano para enfrentar o desafio do actual secularismo. No Brasil, o movimento “Shalom”, também de recente aprovação, vai buscar a sua espiritualidade em Santa Teresa de Ávila. A bela via de santificação pelo trabalho, aberta por São Josemaria Escrivá, evoca o *“ora et labora”* de São Bento. E muitos outros exemplos se poderiam mencionar.

As soluções do Espírito Santo são sempre inusitadas e inovadoras, sem deixar de estar solidamente vinculadas ao legado do passado: *“Todo o escriba instruído acerca do Reino dos Céus — ensina o Divino Mestre — é semelhante a um pai de família que tira coisas novas e velhas do seu tesouro”* (Mt 13, 52). ✧



*São Josemaria Escrivá, fundador do Opus Dei; ao fundo, vista da Praça de São Pedro no dia da sua beatificação*

Fotos: Arquivo Opus Dei



Bênção Urbi et Orbi por ocasião do dia de Páscoa

# *A missão é um dever de todo baptizado*

Na sua Mensagem para o Dia Mundial das Missões 2007, o Papa Bento XVI mostra como cada baptizado é chamado a ser missionário, e como o primeiro contributo para a missão é a oração.

**P**or ocasião do próximo Dia Missionário Mundial gostaria de convidar todo o povo de Deus Pastores, sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos para uma reflexão comum sobre a urgência e a importância que reveste, também neste nosso tempo, a acção missionária da Igreja. De facto, não cessam de ecoar, como chamada universal e apelo urgente, as palavras

com as quais Jesus Cristo, crucificado e ressuscitado antes de subir ao Céu, confiou aos Apóstolos o mandamento missionário: «Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo ensinando-as a cumprir tudo quanto vos tenho mandado». E acrescentou: «Eu estarei sempre convosco, até ao fim do mundo» (Mt 28, 19-20). Na empenhativa obra de evangelização amparados e acompanha-nos a certeza de

que Ele, o dono da messe, está conosco e guia incessantemente o seu povo. É Cristo a fonte inexaurível da missão da Igreja. Este ano, além disso, um ulterior motivo nos estimula a um renovado compromisso missionário: de facto celebra-se o 50º aniversário da Encíclica do Servo de Deus Pio XII *Fidei donum*, com a qual foi promovida e encorajada a cooperação entre as Igrejas para a missão ad gentes.

### ***O risco de se fechar em si mesmo e de olhar com pouca esperança para o futuro***

«Todas as Igrejas para o mundo inteiro»: é este o tema escolhido para o próximo Dia Missionário Mundial. Ele convida as Igrejas locais de cada Continente a uma partilhada consciência sobre a urgente necessidade de relançar a acção missionária perante os numerosos e graves desafios do nosso tempo. Certamente são diferentes as condições em que vive a humanidade, e nestes decénios foi realizado um grande esforço para a difusão do Evangelho, especialmente a partir do Concílio Vaticano II. Contudo, permanece ainda muito a fazer para responder ao apelo missionário que o Senhor nunca se cansa de fazer a cada baptizado. Ele continua a convidar, em primeiro lugar, as Igrejas chamadas de antiga tradição, que no passado forneceram às missões, além dos meios materiais, também um número consistente de sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos, dando vida a uma eficaz cooperação entre comunidades cristãs. Desta cooperação surgiram abundantes frutos apostólicos quer para as jovens Igrejas em terras de missão, quer para as realidades eclesiais de onde provinham os missionários. Perante o progredir da cultura secularizada, que por vezes parece invadir cada vez mais as sociedades ocidentais, considerando além disso a crise da família, a diminuição das vocações e o progressivo envelhecimento do clero, estas Igrejas correm o risco de se fecharem em si mesmas, de olhar com pouca esperança para o futuro e de diminuir o seu esforço missionário. Mas é precisamente este o momento de se abrir com confiança à Providência de Deus, que jamais



Victor Toniolo

**“Desejo fervorosamente que a cooperação missionária se intensifique, valorizando as potencialidades e os carismas de cada um”**

O Papa na Praça de São Pedro durante uma audiência geral

abandona o seu povo e que, com o poder do Espírito Santo, o guia para o cumprimento do seu desígnio eterno de salvação.

### ***A missão é um dever também das Igrejas de recente evangelização***

O Bom Pastor convida a dedicar-se generosamente à *missio ad gentes* também as Igrejas de recente evangelização. Mesmo encontrando não poucas dificuldades e obstáculos no seu desenvolvimento, estas comunidades estão em crescimento constante. Algumas felizmente abundam de sacerdotes e de pessoas consagradas, não poucos dos quais, mesmo sendo tantas as necessidades in loco, são contudo enviados para desempenhar o seu ministério pastoral e o seu serviço apostólico noutras partes, também nas terras de antiga evangelização. Assiste-se desta forma a um providencial «intercâmbio de dons», que redundará em benefício para todo o corpo místico de Cristo.

Desejo fervorosamente que a cooperação missionária se intensifique, valorizando as potencialidades e os carismas de cada um. Além disso, espero que o Dia Missionário Mundial contribua para tornar cada vez mais conscientes todas as comunidades cristãs e cada baptizado que a chamada de Cristo é universal para propagar o seu Reino até aos extremos confins do planeta. «A Igreja é por sua natureza missionária escreve João Paulo II na Encíclica *Redemptoris missio* porque o mandato de Cristo não é algo contingente e exterior, mas atinge o próprio coração da Igreja. Segue-se daí que a Igreja toda e cada uma das Igrejas são enviadas aos não-cristãos. Mesmo as Igrejas jovens... devem participar quanto antes e de facto na missão universal da Igreja, enviando também elas, por todo o mundo, missionários a pregar o Evangelho, mesmo se sofrem escassez de clero» (n. 61).

Todos os direitos sobre os documentos pontifícios estão reservados à Libreria Editrice Vaticana.  
A íntegra dos documentos acima pode ser encontrada em [www.arautos.org.br/revistadomes](http://www.arautos.org.br/revistadomes)

Cinquenta anos do histórico apelo do meu predecessor Pio XII com a Encíclica *Fidei donum* para uma cooperação entre as Igrejas ao serviço da missão, gostaria de recordar que o anúncio do Evangelho continua a revestir as características da actualidade e da urgência. Na mencionada Encíclica *Redemptoris missio*, o Papa João Paulo II, por seu lado, reconhecia que «a missão da Igreja é mais vasta que a «comunhão entre as Igrejas»; ela deve estar orientada também e sobretudo no sentido da missionariedade específica» (n. 65). O compromisso missionário permanece portanto, como foi várias vezes recordado, o primeiro serviço que a Igre-

ja deve à humanidade de hoje, para orientar e evangelizar as transformações culturais, sociais e éticas; para oferecer a salvação de Cristo ao homem do nosso tempo, em tantas partes do mundo humilhado e oprimido por causa de pobreza endémicas, de violência e de negação sistemática dos direitos humanos.

### ***A Igreja não pode subtrair-se à missão universal evangelizadora***

A esta missão universal a Igreja não se pode subtrair; ela constitui para a Igreja uma força constrangedora. Tendo Cristo confiado em primeiro lugar a Pedro e aos Apóstolos o mandato missionário, ela compete hoje antes de tudo ao Sucessor

de Pedro, que a Providência divina escolheu como fundamento visível da unidade da Igreja, e aos Bispos directamente responsáveis da evangelização quer como membros do Colégio episcopal, quer como Pastores das Igrejas particulares (cf. *Redemptoris missio*, 63). Portanto, dirijo-me aos Pastores de todas as Igrejas colocados pelo Senhor como guias do seu único rebanho, para que partilhem a preocupação do anúncio e da difusão do Evangelho. Foi precisamente esta preocupação que estimulou, há cinquenta anos, o Servo de Deus Pio XII a tornar a cooperação missionária mais correspondente às exigências dos tempos. Especialmente perante as perspec-

tivas da evangelização ele pediu às comunidades de antiga evangelização que enviassem sacerdotes em apoio das Igrejas de recente formação. Deu assim vida a um novo «sujeito missionário» que, desde as primeiras palavras da Encíclica, tirou precisamente o nome de «*Fidei donum*». Em relação a isto escreveu: «Considerando por um lado as multidões sem conta de filhos nossos que, sobretudo nos Países de antiga tradição cristã, participam do bem da fé, e por outro a multidão ainda mais numerosa dos que ainda aguardam a mensagem da salvação, sentimos o ardente desejo de vos exortar, Veneráveis Irmãos, a amparar com o vosso zelo a causa santa da expansão da Igreja no mundo». E acrescentou: «Queira Deus que após o nosso apelo o espírito missionário penetre mais profundamente no coração de todos os sacerdotes e, através do seu ministério, inflame todos os fiéis» (*AAS XLIX 1957, 226*).

### ***Agradecimento pelos frutos das missões***

Demos graças ao Senhor pelos frutos abundantes obtidos por esta cooperação missionária em África e noutras regiões da terra. Multidões de sacerdotes, depois de terem deixado as comunidades de origem, dedicaram as suas energias apostólicas ao serviço de comunidades acabadas de surgir, em zonas de pobreza e em vias de desenvolvimento. Entre eles encontram-se não poucos mártires que, ao testemunho da palavra e à dedicação apostólica, uniram o sacrifício da vida. Também não podemos esquecer os numerosos religiosos, religiosas e leigos voluntários que, juntamente com os presbíteros, se prodigalizaram para difundir o Evangelho até aos extremos confins do mundo. O Dia Missionário Mundial seja ocasião para recordar na oração estes nossos irmãos e irmãs na fé e quan-



Gustavo Krahl

**“Não esqueçamos que o primeiro e prioritário contributo, que somos chamados a oferecer à acção missionária da Igreja, é a oração”**





tos continuam a prodigalizar-se no vasto campo missionário. Pegamos a Deus que o seu exemplo suscite em toda a parte novas vocações e uma renovada consciência missionária no povo cristão. De facto, cada comunidade cristã nasce missionária, e é precisamente com base na coragem de evangelizar que se mede o amor dos crentes para com o Senhor. Poderíamos dizer que, para cada um dos fiéis, não se trata simplesmente de colaborar na actividade de evangelização, mas de se sentir eles mesmos protagonistas e co-responsáveis da missão da Igreja. Esta co-responsabilidade exige que cresça a comunhão entre as comunidades e se incremente a ajuda recíproca no que diz respeito quer ao pessoal (sacerdotes, religiosos, religiosas e leigos voluntários) quer ao uso dos meios hoje necessários para evangelizar.

### ***O primeiro contributo à acção missionária é a oração***

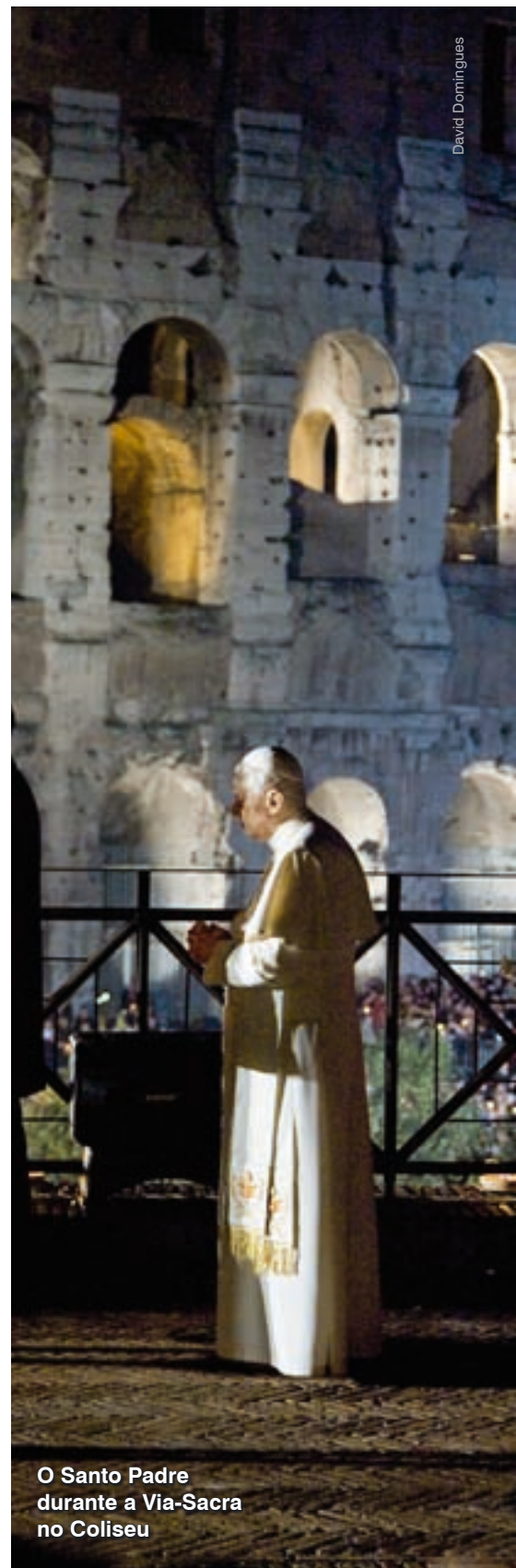
Queridos irmãos e irmãs, o mandato missionário confiado por Cristo aos Apóstolos diz respeito verdadeiramente a todos nós. O Dia Missionário Mundial seja portanto ocasião propícia para tomar mais profunda consciência e para elaborar juntos itinerários espirituais e formativos apropriados que favoreçam a cooperação entre as Igrejas e a preparação de novos missionários para a difusão do Evangelho neste nosso tempo. Contudo não esqueçamos que o primeiro e prioritário contributo, que somos chamados a oferecer à acção missionária da Igreja, é a oração.

«A messe é grande, mas os trabalhadores são poucos diz o Senhor. Pedi, portanto, ao dono da messe para que mande trabalhadores para a sua messe» (Lc 10, 2). «Em primeiro lugar escrevia há cinquenta anos o Papa Pio XII de venerada memória rezai pois, Veneráveis Irmãos, rezai mais. Recordai-vos das

imensas necessidades espirituais de tantos povos ainda tão distantes da verdadeira fé ou privados de socorros para perseverar nela» (AAS, cit. p. 240). E exortava a multiplicar as Missas celebradas pelas Missões, observando que «isso responde ao desejo do Senhor, que ama a sua Igreja e a quer extensa e florescente em todos os ângulos da terra» (Ibid., p. 239).

Queridos irmãos e irmãs, renovo também eu este convite sempre muito actual. Propague-se em todas as comunidades a coral invocação ao «Pai nosso que está no céu», para que venha o seu reino à terra. Faço apelo sobretudo às crianças e aos jovens, sempre prontos para generosos impulsos missionários. Dirijo-me aos doentes e aos sofredores, recordando o valor da sua misteriosa e indispensável colaboração na obra da salvação. Peço às pessoas consagradas e especialmente aos mosteiros de clausura que intensifiquem a sua oração pelas missões. Graças ao compromisso de cada crente, alargue-se em toda a Igreja a rede espiritual da oração em favor da evangelização. A Virgem Maria, que acompanhou com solicitude materna o caminho da Igreja nascente, guie os nossos passos também nesta nossa época e nos obtenha um novo Pentecostes de amor. Em particular, torne-nos conscientes de que todos somos missionários, isto é, enviados pelo Senhor a ser suas testemunhas em todos os momentos da nossa existência. Aos sacerdotes «Fidei donum», aos religiosos, às religiosas, aos leigos voluntários comprometidos nas frentes da evangelização, assim como a quantos de vários modos se dedicam ao anúncio do Evangelho garanto uma recordação na minha oração, e concedo com afecto a todos a Bênção Apostólica. ✧

*(Mensagem de Bento XVI para o Dia Mundial das Missões 2007)*



David Domingues

**O Santo Padre durante a Via-Sacra no Coliseu**



“Oração no Horto das Oliveiras”, vitral da Catedral de Baiona, França

## ✠ EVANGELHO: EXORTAÇÃO À VIGILÂNCIA ✠

<sup>32</sup> Não temais, ó pequenino rebanho, porque foi do agrado do vosso Pai dar-vos o Reino.

<sup>33</sup> Vendei o que possuíis e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não envelhecem, um tesouro inesgotável no Céu, onde não chega o ladrão, nem a traça corrói. <sup>34</sup> Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

<sup>35</sup> Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas. <sup>36</sup> Fazei como os homens que esperam o seu senhor quando volta das núpcias, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. <sup>37</sup> Bem-aventurados aqueles servos, a quem o senhor quando vier achar vigiando. Na verdade vos digo que se cingirá, os fará pôr à sua mesa e, passando por entre eles, os servirá. <sup>38</sup> Se vier na segunda vigília, ou na terceira, e assim os encontrar, bem-aventurados são aqueles servos. <sup>39</sup> Sabei que, se o pai de família soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria arrombar a sua casa.

<sup>40</sup> Vós, pois, estai preparados porque, na hora que menos pensais, virá o Filho do Homem.

<sup>41</sup> Pedro disse-lhe: “Senhor, dizes esta parábola só para nós ou para todos?”

<sup>42</sup> O Senhor respondeu: “Quem é o administrador fiel e prudente que o senhor estabelecerá sobre as pessoas da sua casa, para dar a cada um, a seu tempo, a ração alimentar?”

<sup>43</sup> Bem-aventurado aquele servo a quem o senhor, quando vier, achar procedendo assim.

<sup>44</sup> Na verdade vos digo que o constituirá administrador de tudo quanto possui. <sup>45</sup> Porém, se aquele servo disser no seu coração: ‘O meu senhor tarda em vir’, e começar a espancar os criados e as criadas, a comer, a beber e a embriagar-se, <sup>46</sup> chegará o senhor desse servo, no dia em que ele não o espera, e na hora que ele não sabe; castigá-lo-á severamente e pô-lo-á à parte com os infieis. <sup>47</sup> Aquelle servo, que conheceu a vontade do seu senhor e nada preparou, e não procedeu conforme a sua vontade, levará muitos açoites.

<sup>48</sup> Quanto àquele que, não a conhecendo, fez coisas dignas de castigo, levará poucos açoites. Porque a todo aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido; e aquele a quem muito confiaram, mais contas lhe pedirão. (Lc 12, 32-48)

# Basta rezar?

Um cofre sem fechadura de nada vale. Assim também, uma alma sem vigilância fica à mercê do inimigo. Por isso Jesus insiste tanto nesta virtude, a qual deve sempre complementar a autêntica piedade.



**P. João Scognamiglio Clá Dias**

Presidente Geral

## I - VIRTUDE DA VIGILÂNCIA

“Vigiai e orai para que não cairdes em tentação” (Mt 26, 41), disse o Senhor aos três Apóstolos que mais de perto O acompanhavam na oração, na noite em que ia ser entregue, no Horto das Oliveiras. Por mais que o espírito esteja pronto, a carne é fraca, afirmou Ele logo a seguir.

E de facto, a História confere realidade a esta afirmação de Jesus: não poucas almas facilmente perdem o fervor e caem na tibieza, e às vezes até mesmo em pecados graves, por puro descuido. A tal ponto não nos basta somente a oração que a recomendação do Salvador se inicia pela vigilância, pois, assim como numa fortaleza, havendo uma brecha desguarnecida na sua muralha, por ali penetra o inimigo, da mesma forma o demónio espreita os lados mais débeis da nossa alma para nos atacar e derrotar.

Por isso adverte-nos São Pedro: “Sede sóbrios e vigia, pois o vosso adversário, o demónio, como um leão a rugir, anda a rondar-vos, procurando a quem devorar” (1Pd 5, 8).

### *Relação com a prudência*

Esta vigilância tem as suas raízes na virtude cardinal da prudência. “A prudência não se esconde, mas vela com uma diligência admirável, tal é o

“Sede sóbrios e vigiai. O demónio, o vosso inimigo, anda à vossa volta, como leão que ruge, procurando a quem devorar” (1Pd 5,8)

medo que tem de ser surpreendida pelas secretas insídias dos maus” (1).

São Tomás de Aquino deixa claro que, se a prudência é a virtude que rege a vida moral e espiritual do ho-

mem, como também a vida exterior e humana, é claro que a vigilância adquire um lugar importante na nossa vida espiritual e moral (2).

Na prática dessa virtude vamos de encontro ao zelo de Deus pela nossa perseverança, pois Ele envia-nos os seus anjos “para que nos guardem em todos os nossos caminhos” (Sl 90, 11). Deus “mantém sobre nós, incansável e solícito, aquele singular olhar alerta da clemência divina” (3).

### *Zelo pela salvação da própria alma*

Deus criou todas as coisas perfeitas e boas, não podendo d’Ele proceder o mal. Os anjos revoltados, logo no princípio da criação e lançados ao inferno por São Miguel, foram os introduzidores do mal já no Paraíso Terrestre e, até hoje, ainda procuram fazê-lo penetrar no âmago das almas. “Aquele que combate Israel não dorme nem dormita. Todo o intuito, todo o afã das milícias espirituais na sua guerra contra nós é o de nos conduzir e nos pôr no seu caminho para que as si-



**São Pedro dorme no Horto das Oliveiras: faltou-lhe, sobretudo, vigília**

gamos, levando-nos ao desastroso fim que lhes está destinado” (4).

Essa é uma das razões pelas quais devemos cuidar das nossas almas em quaisquer circunstâncias da nossa existência, quer seja na calma da clausura de um convento contemplativo, ou na mais intensa das actividades no mundo.

Daí o conselho deixado em herança pela nossa Doutora, Santa Teresinha do Menino Jesus: “Dedicai-vos em excesso às vossas ocupações; os vossos afazeres preocupam-vos de-

masiadamente. Li há tempos que os israelitas construíam as muralhas de Jerusalém, trabalhavam com uma das mãos e empunhavam na outra a espada. Eis aqui uma imagem do que devemos fazer: trabalhar apenas com uma mão e reservar a outra para defender a nossa alma dos perigos que possam impedir a união com Deus” (5).

Insistem os tratados de vida espiritual num ponto de suma importância: evitar a ociosidade. “Costumavam dizer os Padres do deserto: Que o demónio te encontre sempre ocupado”. E contam que Santo Antão, quando se queixou de que não conseguia estar continuamente em oração, recebeu esta resposta do Céu: “Quando não puderes orar, trabalha” (6).

É circunscrito às considerações sobre a virtude da vigília que se desenvolve o trecho do Evangelho do XIXº Domingo do Tempo Comum, tomando como base três parábolas apresentadas por Jesus. A exortação contida nestes versículos de Lucas também é encontrada em Mateus e Marcos. Estes dois últimos colocam-na ao término do “discurso escatológico”, enquanto Lucas, talvez por querer acentuar o carácter moral da mesma, acaba por localizá-la numa sequência diferente.

## II – EXORTAÇÕES DE JESUS AOS DISCÍPULOS

<sup>32</sup> Não temais, ó pequenino rebanho, porque aprouve ao vosso Pai dar-vos o Reino.

Logo depois da parábola do rico insensato (vs. 16-21), Lucas encaixava uma série de conselhos do Divino Mestre sobre a necessidade de se procurar antes — e acima de tu-

do — o Reino de Deus e a sua justiça, pois, assim procedendo, o resto ser-nos-á dado por acréscimo. Porém, dada a força da nossa concupiscência, os sentidos dificultam a prática destes conselhos, por mais sapien-

ciais que sejam. A doutrina convence, mas “a carne é fraca”. Justamente neste ponto concentra-se o temor: como nos abandonar nas mãos da Divina Providência? Daí a ênfase deste “não temais”.

**Santo Antão recebeu esta resposta do Céu: “Quando não puderes orar, trabalha”**

### *A “pequenina grei” dos escolhidos*

Além disso, confere-lhes o título de “pequenino rebanho”, figura que com certa frequência encontramos ao percorrer as páginas do Antigo Testamento, dado o carácter pastoril da sociedade neste longo período histórico.

Sobre o porquê deste título dado aos discípulos, múltiplas são as hipóteses entre os autores. Teofilato assim comenta: “O Senhor chama de pequenino rebanho àqueles que querem ser os seus discípulos, seja pelo motivo de, nesta vida, os santos parecerem pequenos, em virtude da sua pobreza voluntária, seja pelo facto de serem superados pela multidão dos anjos, cujo número é incomparavelmente maior” (7).

Beda analisa o referido título de baixo de outro prisma: “O Senhor denomina também de pequenina grei os escolhidos, comparando-os com o número maior de réprobos ou, mais ainda, pelo seu amor à humildade” (8).

Na realidade, a Igreja nascente era minúscula em porte, número e força. Ela não passava de um grãozinho de mostarda. Aqueles poucos não deveriam temer que lhes viesse a faltar o necessário para a sua subsistência própria, pois o Pai, por um efeito do

seu amor gratuito, tinha-lhes concedido o seu Reino. Que Pai e que Reino! Trata-se do próprio Deus e Soberano Senhor, onipotente e absoluto, para o qual não há obstáculo capaz de O impedir na determinação das suas vontades.

Não se trata de um reino terreno: “O meu Reino não é deste mundo” (Jo 18, 36), disse Jesus a Pilatos. Se fosse um reino em qualquer parte da terra, estaríamos sófregos por recebê-lo o quanto antes e empreenderíamos todos os esforços para o possuir. Este Reino é eterno e celestial. Por isso é indispensável a esse “pequenino rebanho” ter uma plenitude de reciprocidade em relação a tão dadivoso Pai. Jesus dá-nos a garantia da sua palavra absoluta. “Manifesta a razão pela qual não devem temer, acrescentando: ‘porque agradou ao vosso Pai’, etc. Como se dissesse: ‘Como deixará de ser clemente convosco Aquele que dá graças tão extraordinárias?’ Mesmo pequenino este rebanho (pela sua natureza, número e glória), a bondade do Pai concedeu-lhe o destino dos espíritos celestiais, isto é, o Reino dos Céus”<sup>(9)</sup>.

É belo o comentário de Maldonado à segunda parte deste versículo: “Cada uma dessas palavras tem especial sentido e doçura. Diz ‘agradou’, mostrando a particular benevolência e liberalidade de Deus para com eles; diz ‘ao vosso Pai’, chamando Deus de pai deles, o qual, enquanto pai, não pode esquecer-se dos seus filhos (cf. Is 49, 15); acrescenta: ‘dar-vos’, como a filhos e herdeiros seus, ‘o Reino’, ou seja, o reino celestial e eterno, não o terreno e temporal”<sup>(10)</sup>.

### **“Vendei o que possuíis”, um conselho de Jesus**

<sup>33</sup> Vendei o que possuíis e dai esmolas; fazei para vós bolsas que não envelhecem, um tesouro inesgotável no Céu, onde não chega o ladrão, nem a traça corrói. <sup>34</sup> Porque onde está o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.

No início do Cristianismo, era comum os primeiros fiéis seguirem à risca este conselho e, ainda hoje, encontram-se alguns casos nesta linha. Ele, na sua essência, incide sobre dois pontos:

- Em primeiro lugar, a nossa propriedade constitui-se não só de bens materiais ou riquezas, mas também de toda sorte de possíveis apegos: ciência, erudição, amizade, comodidades, prazeres lícitos (e mais intensamente ainda os ilícitos, quando a eles nos entregamos), etc. Quanto mais desapegado esteja o nosso coração dos objectos terrenos, quer sejam do espírito, quer da matéria, tanto mais

gozaremos da felicidade no tempo e incomensuravelmente mais na eternidade.

- Um segundo ponto diz respeito à obrigatoriedade, sim ou não, de vender o que se possui e dar esmolas. Poderíamos a este propósito levantar, com Maldonado, a seguinte pergunta: “Como, porém, aqui Cristo manda a

todos, em geral, vender tudo o que têm e dar aos pobres, e em outra passagem (Mt 19, 21) aconselha isto só àqueles que querem ser perfeitos? A resposta não é difícil: ou Ele fala aqui apenas aos discípulos, os quais queriam

**Quanto  
mais desapegado  
esteja o nosso  
coração dos  
objectos terrenos,  
tanto mais  
gozaremos de  
felicidade  
no tempo e  
na eternidade**



### **Enquanto os Apóstolos dormiam, os inimigos de Jesus conspiravam para O matar**

ser perfeitos, ou, se fala a todos os cristãos, refere-se à disposição de espírito, como dizem os teólogos. Porque, embora não seja a todos necessário vender tudo quanto tenham, deve-se, isto sim, enquanto cristão, ter a disposição de espírito de vender todos os seus bens, se for preciso, para não perder Cristo”<sup>(11)</sup>.

### **Dar na terra para receber no Céu**

Ainda uma palavra sobre os benefícios recebidos por quem dá esmolas. De si, mais lucra quem dá do que

quem recebe: “É maior ventura dar, que receber” (cf. Act 20, 35). “Não há pecado que a esmola não possa apagar. Contudo, a esmola não se faz apenas com dinheiro, mas também pelas obras, como quando alguém protege um outro, quando um médico cura ou quando um sábio aconselha” (12).

Daí ser um inesgotável tesouro no Céu a nossa riqueza distribuída aos necessitados, aqui na terra. As virtudes praticadas diante de Deus

### ***Voltar o coração para os tesouros eternos***

Pelos costumes da época, a bolsa para moedas era de uso comum aos homens e às mulheres. Tratava-se de peças de tecido que, apesar de reforçadas, poderiam vir a desgastar-se com o tempo ou ser danificadas pela traça, ficando assim em risco o seu conteúdo. Bem pior era a situação, quando a habilidade de algum ladrão fazia desaparecer essas bol-



Sergio Hollmann

### **Maria procurou exclusivamente os tesouros celestes**

“Anunciação”, vitral da Catedral de Notre Dame, Paris

para Lhe prestar culto e louvor, as boas obras, os conselhos dados a outros, o instruir, orar pelos aflitos e necessitados, como também dar esmolas, constituem um tesouro no Céu. Nesta categoria incluem-se: a invocação aos santos, a confiança na sua intercessão, a frequência aos Sacramentos, como também todo acto de piedade e qualquer obra santa.

sas do seu lugar habitual, para ali não mais retornarem.

Pela força da sua própria natureza, não pode o homem deixar de buscar a felicidade, quer seja neste mundo, quer na eternidade, onde ele coloca o objectivo dos seus anseios. Abandonado às inclinações de sua concupiscência, ele se entregará às volúpias da matéria e nela colocará o seu coração.

### ***O exemplo de Maria***

Foi Maria quem, de dentro da nossa natureza, elevou a sua alma virginal a engrandecer o Senhor e a fazer d’Ele o seu tesouro. Da sua fidelidade nasceu uma nova raça que São Luís Grignon de Montfort denomina “a raça da Virgem”, raça esta que constitui o calcanhar da Soberana Senhora, chamada a esmagar a cabeça da serpente. Ela ensina-nos a fazer desta terra uma escola preparatória para o Céu, pois os tesouros aqui perecem, são vis, degradam-nos, frequentemente afligem e empobrecem-nos. A morte no-los tira das mãos, de maneira implacável.

O oposto dá-se com os tesouros do Céu: eles enobrecem-nos, consolam e asseguram-nos uma eternidade feliz. A própria morte confere-nos a posse irreversível destes bens.

### **III – “ESTEJAM CINGIDOS OS VOSSOS RINS E ACESAS AS VOSSAS LÂMPADAS”**

<sup>35</sup> Estejam cingidos os vossos rins e acesas as vossas lâmpadas.

<sup>36</sup> Fazei como os homens que esperam o seu senhor quando volta das núpcias, para que, quando vier e bater à porta, logo lha abram. <sup>37</sup> Bem-aventurados aqueles servos, a quem o senhor quando vier achar vigiando. Na verdade vos digo que se cingirá, os fará pôr à sua mesa e, passando por entre eles, os servirá. <sup>38</sup> Se vier na segunda vigília, ou na terceira, e assim os encontrar, bem-aventurados são aqueles servos.

Sem uma ilação muito precisa, São Lucas passa a reproduzir duas parábolas afins quanto à sua substância. A primeira delas está contida nestes quatro versículos. Ambas são precedidas por uma incisiva recomendação do Divino Mestre: a necessidade de manter cingidos os rins, como também de conservar acesas as lâmpadas.

## **Simbolismo do acto de se cingir e das lâmpadas acesas**

Conforme nos descrevem as próprias Escrituras Sagradas (cf. Ex 12, 11; 17, 13), os hebreus — e em geral os orientais — procuravam por meio de um cingulo atado à cintura recolher um pouco as suas longas túnicas, tanto para, desta forma, poderem caminhar com mais desenvoltura, como também para facilitar o serviço à mesa.

Porém, o conhecimento destes costumes levanta uma perplexidade para a perfeita compreensão do significado do simbolismo das figuras empregadas pelo Salvador, nesta passagem: por que devem os servidores colocar-se em situação de viagem se estão apenas a aguardar o retorno do senhor da casa? Ademais, qual a razão de se encontrarem dispostos a servir à mesa quando o senhor chegaria satisfeito pelo que comera na festa?

Essas dificuldades são inteiramente superadas pela real explicação das minúcias dos costumes orientais daqueles tempos. Como já vimos anteriormente, eles usavam túnicas bem folgadas, que chegavam até aos pés. Ora, para caminhar ou para o serviço, era indispensável recolher as extremidades da vestimenta, retendo-a e tornado mais curta a sua extensão mediante um cingulo bem ajustado à cintura.

Por sua vez, esse cingir de rins fazia parte também da boa compostura e educação, sobretudo para receber ou servir alguém de categoria superior. Dentro da própria casa podia-se estar à vontade na intimidade familiar, deixando de usar o turbante, o calçado e também o cingulo. Descalço, sem cobertura e, sobretudo, com roupa solta, era a nota comum de intimidade, de despreocupação e até de um certo relaxamento. Ora, é justamente esta a nota inconveniente a ostentar diante do senhor que chega da festa.

Quanto à figura das lâmpadas, torna-se fácil a sua compreensão se nos reportarmos à parábola das vir-

gens prudentes e das virgens loucas (cf. Mt 25, 1-13). *“Quando o dono da casa chega de noite, costumam os criados ir à sua frente com tochas acesas. Assim quer Cristo que façamos também nós. As tochas acesas significam que devemos ter tudo preparado para receber Cristo no dia do Juízo, de modo a não termos nada a pôr em ordem naquela ocasião. Haverá coisa mais simples do que, quando o dono bata à porta, acender a luz necessária? Ora, até isto quer o Senhor que esteja já feito antes de sua chegada. Pois, além de que ele*

**Devemos  
estar vigilantes  
ininterruptamente  
para não  
sermos apanhados  
de surpresa  
à chegada  
do Juiz Supremo**

*não esperaria até ao outro acender a tocha, essa espera seria indecorosa e inadequada à dignidade do dono da casa”* (13).

### **A chegada do Senhor**

Em seguida (v. 36) começa, propriamente dita, a primeira parábola. Nos seus detalhes percebe-se ultrapassar a realidade. Trata-se de uma alegoria, pois, para receber o senhor, não seria necessário estar desperta toda a criadagem. Tanto mais que é sempre de conhecimento certo a hora de saída para uma festa, mas não a de retorno, a qual, aliás, não costumava ser cedo.

No relacionamento humano normal não se daria jamais um facto como o descrito nos versículos acima. Nenhum senhor exigiria dos seus

servos — nem sequer naqueles tempos — que esperassem, em vigília, a sua volta de uma festa. Quando muito — e aqui se compreende — o porteiro. Ademais, encontrando-os todos acordados, depois de um cumprimento, determinaria que fossem dormir, mas jamais os colocaria a servir à mesa, sobretudo em horas tão avançadas.

Diante dessa pluralidade de insuadados, discerne-se claramente que essas excepções só podem verificar-se no plano sobrenatural da graça de Deus: *“Serei Eu mesmo a tua recompensa demasiadamente grande”* (Gn 15, 1). *“O significado verdadeiro e completo é que se, ao chegar, Cristo nos encontrar vigilantes e preparados pelas boas obras, Ele far-nos-á como senhores no Céu, porque comeremos e beberemos como tais na mesa do seu Reino”* (14).

A insistência sobre uma possível segunda ou terceira vinda do senhor visa, evidentemente, reforçar a grande necessidade de estarmos vigilantes.

### **Necessidade da vigilância**

<sup>39</sup> Sabei que, se o pai de família soubesse a hora em que viria o ladrão, vigiaria sem dúvida e não deixaria arrombar a sua casa.

Este versículo não traz nenhuma dificuldade de interpretação, pois todo ladrão procura uma ocasião fácil para sua acção e não deseja ser percebido. Em face desta prerrogativa, o dono da casa, ao saber a hora em que se daria o roubo, estaria à espreita para o impedir. Assim também nós, pervadidos da certeza de que o Juiz Supremo virá, mas não sabendo em que momento, devemos estar vigilantes ininterruptamente para não sermos apanhados de surpresa à sua chegada.

<sup>40</sup> Vós, pois, estai preparados porque, na hora que menos pensais, virá o Filho do Homem.



**Jesus dá a Pedro o poder das chaves  
para administrar fielmente a Igreja**

“Cristo entrega as chaves a São Pedro”, G. Reni, Museu do Louvre, Paris

Os servidores vigilantes proporcionam-nos o conhecimento do prémio imerecido que nos aguarda se, tal como eles o fizeram, procedermos também nós, amando sem limites o Senhor, e se em razão desse amor guardarmos a sua palavra e observarmos os seus mandamentos. Ao retornar o Salvador, Ele servir-nos-á. Por outro lado, o mestre vigilante incita-nos a sermos cuidadosos em evitar o nosso encontro com o Senhor numa circunstância desfavorável, por falta de vigilância. São dois conselhos harmónicos e fundamentais.

O Senhor virá. É absolutamente certa a sua vinda. Por isso: “*Vós, pois, estai preparados porque, na hora que menos pensais, virá o Filho do Homem*”. Poderá ser, portanto, num dia inesperado; numa idade na qual nada havia para temer, quando os grandes planos se multiplicavam e, quiçá, de prazeres, realizações, negócios...

Nada melhor para obter uma incansável, robusta e contínua vigilância do que recorreremos à Mãe de Misericórdia. E se ainda assim viermos a falhar, Ela obter-nos-á o perdão das nossas misérias.

#### **IV – A PARÁBOLA DO ADMINISTRADOR FIEL**

Nos versículos finais (41-48), ao responder a uma pergunta de Pedro que desejava saber se a parábola era exclusivamente para eles ou para todos, o Divino Mestre elabora uma outra, a do “administrador fiel e prudente”. Torna-se patente o carácter universal do seu ensinamento e, portanto, o quanto se aplica a qualquer um de nós. Basta considerar de perto a incerteza sobre a hora da nossa morte, para nos darmos conta da enorme importância da virtude da vigilância.

#### ***Obrigações de quem tem autoridade sobre outros***

Ao fazer uso da imagem do administrador, Ele procura representar aqueles que têm alguma autoridade ou poder sobre outros. A aplicação incidia directamente sobre Pedro e os Apóstolos, que receberiam nas suas mãos a instituição da Igreja, e também abrangeria os pais, tutores, etc.

Nestes versículos, o prisma continua a ser o da vigilância, mas agora com outra nota característica: a da prudente fidelidade. A primeiríssima obrigação do administrador é a de não se apropriar de nenhum dos bens que o senhor lhe confiou e por isso não procurar o seu prazer, a sua glória e a sua vontade, mas sim o puro interesse do seu senhor. Em segundo lugar, deve ser prudente, discernindo com senso de hierarquia como distribuir os trabalhos em proporção aos talentos e às forças de cada um. Ademais, deverá prover às necessidades de todos, oferecendo-lhes os meios, instruções, sustento, etc., para o desempenho das respectivas funções.

Procedendo com esse amor à perfeição, a autoridade, ao encontrar-se com o seu senhor, além da bem-aventurança, receberá a administração de todas as suas posses.

#### ***O castigo do administrador infiel***

Quanto ao administrador infiel, também com traços irrealis, o Divi-



no Mestre busca delinear a principal causa dos seus delitos: o esquecimento de que possui um senhor e que este retornará, ou então, convencer-se de que o seu amo não voltará tão cedo. Daí os maus tratos, a injustiça, o abandonar-se à gula e às desordens. Este também será surpreendido pelo senhor e por ele será castigado com a separação eterna...

A seguir trata da proporcionalidade dos castigos, mostrando como, por justiça, “a *todo aquele a quem muito foi dado, muito lhe será exigido*” (v. 48). É nisto, mais especialmente, que se concentra a resposta oferecida pelo Mestre a São Pedro, cuja substância a quase todos os santos faz temer e tremer. Quantos deles não buscaram uma via penitencial, pela consideração destas divinas palavras!

Sobre esta passagem, comenta o Cardeal Gomá: “*Como na outra vida não há igualdade de prémios, da mesma forma não há igualdade de castigos, diz São Basílio. Serão condenados às chamas todos os que as tiverem mere-*

*cido, uns, porém, as sofrerão de modo mais intenso do que outros; todos serão roídos pelo verme inextinguível, mas este será mais forte ou mais indolente. Por isso, diz Teofilato, os sábios e doutores, os quais deveriam ter agido de acordo com a sua doutrina e dela tirado incentivo para os demais, serão atormentados com maior rigor. Este pensamento deveria fazer-nos tremer, se Deus nos favoreceu com dons de privilégio no conhecimento da sua vontade, ou nos concedeu graças extraordinárias, ou nos conferiu poderes para comunicar aos outros a sua vontade”* (15).

## Jesus será o Supremo Juiz que pedirá contas a cada um conforme as suas responsabilidades

“Jesus a abençoar”  
Portal da Catedral de Barcelona

Que esta Liturgia de hoje nos compenetre a fundo da grande necessidade de sermos diligentes na preparação do nosso encontro com o Senhor, o qual poderá dar-se no momento menos esperado. Que usemos bem do nosso tempo, palavras e ações. Em síntese, que sejamos sempre santos. ✧

1) Santo Agostinho, *De moribus Ecclesiae*, c. 24.

2) Cf. *Suma Teológica* II – II q. 47 a. 9.

3) São Bernardo, Sermo XI in Psalmum XC, § 1.

4) São Bernardo, *ibidem*.

5) *Consejos y recuerdos*, n. 37.

6) P. Alonso Rodríguez, *Ejercicio de perfección y virtudes cristianas*, p. 2ª tr. 4 c. 18.

7) Apud São Tomás de Aquino, *Catena Áurea*.

8) *Idem, ibidem*.

9) São Cirilo de Jerusalém, apud São Tomás de Aquino, *Catena Áurea*.

10) P. Juan de Maldonado SJ, *Comentarios a los cuatro Evangelios*, BAC, Madrid, 1951, V. II, pp. 597-598.

11) *Idem, ibidem*, pp. 597-598.

12) São João Crisóstomo, *In Matthaeum hom.* 26.

13) P. Juan de Maldonado, *SI, op. cit.* p. 600.

14) *Idem, ibidem*, p. 603.

15) Isidro Gomá y Tomás, *El Evangelio explicado*, Ediciones Acervo, Barcelona, 1967, v. II, p. 194.

Como na  
outra vida não  
há igualdade  
de prémios, da  
mesma forma  
não há igualdade  
de castigos, diz  
São Basílio



# O santo do quotidiano

“Cumprir a vontade de Deus no trabalho, contemplar a Deus no trabalho, trabalhar por amor a Deus e ao próximo, converter o trabalho no meio do apostolado, dar às coisas humanas um valor divino” — nestas densas palavras do Fundador pode-se resumir o carisma, ao mesmo tempo contemplativo e activo, do Opus Dei.



**P. Francisco Faus**

Sacerdote da Prelazia do Opus Dei

**N**o dia 6 de Outubro de 2002, na Praça de São Pedro do Vaticano, perante uma multidão de mais de 300 mil pessoas de todas as idades e condições procedentes dos cinco continentes, o Papa João Paulo II celebrou a solene cerimónia de canonização de São Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei.

Na homília da Missa, o Santo Padre resumiu nesse dia, em poucas palavras, a essência da mensagem espiritual de Mons. Escrivá: *“Elevar o mundo a Deus e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador lhes indica, queridos irmãos e irmãs que hoje se alegram pela a sua elevação à glória dos altares”*.

Na manhã seguinte, 7 de Outubro, foi celebrada na própria Praça de São Pedro uma solene concelebração em acção de graças pela canonização. Terminada a Missa, o Papa João Paulo II, acolhido com uma calorosa manifestação de entusiasmo,

dirigiu a palavra à multidão de fiéis, cooperadores e amigos do Opus Dei, que — como no dia anterior — enchia a Praça e estendia-se pela Via della Conciliazione e as outras ruas adjacentes, chegando até ao Castelo de Sant’Angelo. Na sua alocução, João Paulo II voltou a frisar o cer-

ne do carisma, da mensagem espiritual de São Josemaria com as seguintes palavras:

*“São Josemaria foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as actividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação. Pode-se dizer que foi o santo do quotidiano. De facto, estava convencido de que, para quem vive sob a óptica da fé, tudo é ocasião de um encontro com Deus, tudo se torna um estímulo para a oração. Vista desta forma, a vida diária revela uma grandeza insuspeita. A santidade apresenta-se verdadeiramente ao alcance de todos.”*

Os fiéis que ouviam essas palavras do Papa tinham escutado pouco antes, na Missa, a homília do Prelado do Opus Dei, Dom Javier Echevarría que lhes recordara palavras de São Josemaria aos seus filhos espirituais, escritas nos primórdios do Opus Dei, em 24 de Março de 1930: *“Vimos dizer, com a humildade de quem se sabe pecador e pouca*



São Josemaria Escrivá em 1972

coisa — ‘homo peccator sum’ (Lc 5, 8), dizemos com Pedro — mas com a fé de quem se deixa guiar pela mão de Deus, que a santidade não é coisa para privilegiados, que o Senhor nos chama a todos, de todos espera Amor: de todos, estejam onde estiverem; de todos, seja qual for o seu estado, a sua profissão ou ofício. Porque esta vida corrente, quotidiana, sem relevo, pode ser meio de santidade: não é preciso abandonar o próprio estado no mundo para procurar a Deus, se o Senhor não dá a uma alma a vocação religiosa, uma vez que todos os caminhos da terra podem ser ocasião de um encontro com Cristo”.

Com isso, São Josemaria nada mais fazia do que frisar, mais uma vez, o núcleo da mensagem que recebera de Deus, em 2 de Outubro de 1928, data da fundação do Opus Dei. Após anos de oração e penitência constantes, naquela data Deus mostrara-lhe a sua Vontade — há muitos anos pressentida, sem conseguir ver o que era —, e o Mons. Josemaria compreendeu que a única razão da sua existência devia ser entregar-se inteiramente, com todas as forças, ao cumprimento desse desígnio divino: o Opus Dei.

### **Todos são chamados à santidade**

Numa entrevista concedida a *L’Osservatore della Domenica*, em 1968, Mons. Escrivá definia assim o que caracteriza a vocação para o Opus Dei:

*“Vou dizê-lo em poucas palavras: é procurar chegar à santidade no meio do mundo, no meio da rua. Quem recebe de Deus a vocação específica para o Opus Dei sabe — e vive — que deve alcançar a santidade no seu próprio estado, no exercício do seu trabalho, manual ou intelectual.*

*A finalidade a que o Opus Dei aspira — esclarecia na mesma entrevista — é favorecer a procura da santidade e o exercício do apostolado por parte de cristãos que vivem no meio do mundo, seja qual for o seu estado ou condição. A Obra nasceu a fim de contribuir para*



Fotos: Arquivo Opus Dei

**“São Josemaria foi escolhido pelo Senhor para anunciar a chamada universal à santidade e mostrar que as actividades correntes que compõem a vida de todos os dias são caminho de santificação” (João Paulo II)**

Escola Desportiva Brafa, Barcelona - 1972

*que esses cristãos, inseridos no tecido da sociedade civil — com a sua família e as suas amizades, o seu trabalho profissional, as suas aspirações nobres —, compreendam que a sua vida, tal como é, pode vir a ser ocasião de um encontro com Cristo: quer dizer, que é um caminho de santificação e apostolado (...). A vida de um simples cristão — que talvez a alguns pareça vulgar e acanhada — pode e deve ser uma vida santa e santificante”* (1).

Deus dissipava assim o mal-entendido, frequente entre muitos católicos, de que, para aspirar à santidade, seria “indispensável abandonar o mundo, afastar-se dele... ou dedicar-se a uma atividade eclesial” (2).

Já no seu livro “Caminho”, Mons. Escrivá deixara estampada uma afirmação que vinha repetindo desde a fundação da Obra: “Tens obrigação de te santificar. — Tu também. — Alguém pensa, por acaso, que é tarefa exclusiva de sacerdotes e religiosos? A todos, sem excepção, disse o Senhor: ‘Se de perfeitos, como o meu Pai Celestial é perfeito’” (3).

Anos depois, a Igreja, no capítulo VI da Constituição *Lumen gentium*,

consagrou e pôs em destaque essa doutrina de entranha evangélica proclamando a *Vocação universal à santidade* de todos os baptizados.

### **Caminho de santificação no trabalho e nos deveres quotidianos**

Um traço específico do carisma do Opus Dei, com o qual Nosso Senhor abriu caminhos práticos para a santificação do cristão no meio do mundo, é a percepção de que o trabalho profissional (e quem diz trabalho diz família, diz deveres sociais, diz actividade cultural, diz lazer, diz, em suma, vida quotidiana) pode e deve ser meio e ocasião de santidade e de apostolado.

*“Vimos chamar de novo a atenção — esclarecia o Fundador — para o exemplo de Jesus que, durante trinta anos, permaneceu em Nazaré trabalhando, desempenhando um ofício. Nas mãos de Jesus, o trabalho, e um trabalho profissional semelhante àquele que desenvolvem milhões de homens no mundo, converte-se em tarefa divina, em trabalho redentor, em caminho de salvação”* (4).



São Josemaria, Beato João XXIII e o Servo de Deus Dom Álvaro del Portillo no Vaticano, em Março de 1960



O Servo de Deus Paulo VI e São Josemaria Escrivá, em 1964



Dois Servos de Deus: João Paulo II com Dom Álvaro del Portillo, primeiro sucessor de São Josemaria à frente do Opus Dei



Bento XVI recebe Dom Javier Echevarría, actual prelado do Opus Dei

Neste sentido, Bento XVI, ao falar do trabalho aos artesãos da Itália, dizia que São Josemaria Escrivá, um santo desta nossa época, observa que o trabalho, tendo sido desempenhado por Cristo que trabalhou como artesão, “se torna uma atividade redimida e redentora: não somente é o âmbito em que o homem vive, mas também instrumento e caminho de santidade, realidade santificável e santificadora (Homilia ‘É Cristo que passa’, n. 47)”<sup>(5)</sup>.

Não se cansava, por isso, de ensinar que, para os cristãos comuns, “a vida corrente é o verdadeiro lugar da existência cristã”. Um pensamento cheio de consequências que expôs, com vivacidade e clareza sobrenatural, numa homilia pronunciada em 8 de Outubro de 1967, numa Missa celebrada no campus da Universidade de Navarra<sup>(6)</sup>:

“Meus filhos: aí onde estão os nossos irmãos os homens, aí onde estão as nossas aspirações, o nosso trabalho, os nossos amores — aí está o lugar do nosso encontro quotidiano com Cristo. É no meio das coisas mais materiais da terra que nós devemos santificar-nos, servindo a Deus e a todos os homens.

Tenho-o ensinado constantemente com palavras da Escritura Santa: o mundo não é ruim, porque saiu das mãos de Deus, porque é criatura d’Ele, porque Javé olhou para ele e viu que era bom (Cfr. Gn, 1, 7 ss.). Nós, os homens, é que o fazemos ruim e feio, com os nossos pecados e as nossas infidelidades. Não duvidem, meus filhos; qualquer modo de evasão das honestas realidades diárias é para os homens e mulheres do mundo coisa oposta à vontade de Deus.

Pelo contrário, devem compreender agora — com uma nova clareza — que Deus os chama a servi-Lo em e a partir das tarefas civis, materiais, seculares da vida humana. Deus espera-nos cada dia: no laboratório, na sala de operações de um hospital, na caserna, na cátedra universitária, na fábrica, na oficina, no campo, no seio do lar e em todo o imenso panorama do trabalho.

*Não esqueçamos nunca: há algo de santo, de divino, escondido nas situações mais comuns, algo que a cada um de nós compete descobrir (...).*

*Não há outro caminho, meus filhos: ou sabemos encontrar o Senhor na nossa vida de todos os dias, ou não O encontraremos nunca.”*

Com uma expressão sintética, que gostava de repetir, resumia esse ideal de santidade dizendo que consiste em “santificar o trabalho, santificar-se no trabalho e santificar os outros através do trabalho”.

O primeiro sucessor de São Josemaria à frente do Opus Dei, o Servo de Deus D. Álvaro del Portillo, fazia eco a essa mensagem, dizendo: “Pregou incessantemente que o cristão deve ocupar-se do trabalho sabendo que Deus o contempla... A sua tarefa tem que ser, portanto, uma tarefa santa e digna d’Ele: acabada em todos os seus pormenores — realizada com competência técnica e profissional — e levada a cabo com rectidão moral, com hombridade, com nobreza, com lealdade, com justiça. Nessas condições, o seu trabalho profissional surgirá como algo de recto e santo, ao mesmo passo que, também por esse título de oferecimento ao Criador, será oração”<sup>(7)</sup>.

### **A oração dos filhos de Deus**

“O trabalho será oração”. A seus filhos, São Josemaria costumava dizer que, na sua vida, deveria chegar um momento em que não fosse mais possível distinguir oração e trabalho, porque o trabalho (e os outros deveres quotidianos) devem transformar-se em oração.

A quem desconhecesse o carisma do Opus Dei, poderia causar estranheza ouvir o Fundador afirmar que a vocação para a Obra de Deus é essencialmente contemplativa. No entanto, esta é a meta, este o ideal para quem é chamado a santificar-se no mundo: fazer da vida ordinária uma contínua oração, um diálogo ininterrupto com Deus — com a Virgem Santíssima, com os santos Anjos... —,



**No dia 6 de Outubro de 2002, perante uma multidão de mais de 300 mil pessoas de todas as idades e condições procedentes dos cinco continentes, o Papa João Paulo II celebrou a solene cerimónia de canonização de São Josemaria Escrivá, Fundador do Opus Dei**

com esse Deus “que nos fala constantemente, através dos acontecimentos e das pessoas”, e que através de tudo nos dá seu amor e nos pede amor.

O Papa João Paulo II expressou esse mesmo pensamento nos dias da canonização, com estas palavras:

*“O Senhor fez com que São Josemaria entendesse profundamente o dom da nossa filiação divina. E ele ensinou a contemplar o rosto terno de um Pai no Deus que nos fala através das mais diversas vicissitudes da vida. Um Pai que nos ama, que nos acompanha passo a passo e nos protege, nos compreende e espera de cada um de nós uma resposta de amor. A consideração desta presença paterna, que acompanha o cristão a toda parte, proporciona-lhe uma confiança inquebrantável; em todos os momentos deve confiar no Pai celestial. Nunca se sente só nem tem medo. Quan-*

*do se depara com a Cruz, não vê nela um castigo, mas uma missão que lhe foi confiada pelo próprio Senhor”.*

O sentido da *filiação divina* era, para Mons. Escrivá, o alicerce, o fundamento da vida espiritual. “*A filiação divina — afirmava — é uma verdade feliz, um mistério consolador. A filiação divina empapa toda a nossa vida espiritual, porque nos ensina a procurar, conhecer e amar o nosso Pai do Céu, e assim cumula de esperança a nossa luta interior e dá-nos a simplicidade confiante dos filhos pequenos. Mais ainda: precisamente porque somos filhos de Deus, esta realidade leva-nos também a contemplar com amor e com admiração todas as coisas que saíram das mãos de Deus Pai Criador. E deste modo somos contemplativos no meio do mundo, amando o mundo*”<sup>(8)</sup>.

### ***Unidade de vida: piedade, trabalho, apostolado***

Deste modo, São Josemaria podia afirmar que a *fisionomia espiritual própria* do Opus Dei consiste na *unidade de vida*. Se a vida cristã tem como base a filiação divina — fundamento da piedade —; se procuramos que o trabalho santificado e santificador seja o eixo da vida espiritual; se a oração, a mortificação, o trabalho... apontam para a missão apostólica no meio do mundo, então os diversos aspectos da vida cristã fundem-se e compenetraram numa unidade harmónica: são, na simplicidade do quotidiano, como facetas de um único diamante.

“*Cumprir a vontade de Deus no trabalho — escrevia o Fundador em 1940 —, contemplar a Deus no trabalho, trabalhar por amor a Deus e ao*

próximo, converter o trabalho em meio de apostolado, dar às coisas humanas um valor divino, esta é a unidade de vida, simples e forte, que devemos ter e ensinar”<sup>(9)</sup>.

“Eleva o mundo a Deus — dizia o Papa na homilia da canonização de São Josemaria — e transformá-lo a partir de dentro: eis o ideal que o Santo Fundador lhes indica”. E lembrava que São Josemaria, movido por Deus, “sentiu surgir no seu interior a apaixonante chamada para evangelizar todos os ambientes”, e a seguir evocava o constante ensinamento do santo para que esse ideal apostólico se tornasse realidade: “Primeiro, oração; depois, expiação; em terceiro lugar, acção”<sup>(10)</sup>. Esta convicção de que “a fecundidade do apostolado encontra-se, antes de tudo, na oração e numa vida sacramental intensa e constante — concluía o Papa — é, no fundo, o segre-

do da santidade e do verdadeiro sucesso dos santos”.

### **Cristo, Maria, o Papa**

Não ficaria completo este esboço, forçosamente sumário, do carisma e da mensagem espiritual do Fundador do Opus Dei, se não mencionássemos a sua cálida e intensa devoção a Nossa Senhora (a quem invocava, em tudo e para tudo, sem A separar jamais de São José) e o seu amor apaixonado à Igreja Santa, ao Romano Pontífice e aos bispos em comunhão com a Santa Sé.

***Omnes cum Petro, ad Iesum per Mariam*** — Todos, com Pedro, a Jesus por Maria<sup>(11)</sup>. Eis o roteiro espiritual que, desde a fundação, propôs como lema aos seus filhos espirituais, e que, seguindo o seu exemplo e os seus ensinamentos, os fiéis da Prelazia do Opus Dei procuram seguir e difundir com alegria e fidelidade.

“Sê de Maria e serás nosso”, escrevia nos anos trinta. “A Jesus sempre se vai e se ‘volta’ por Maria”, afirmava como um axioma sobrenatural. E frisava: “O amor à Senhora é prova de bom espírito, nas obras e nas pessoas singulares. — Desconfia do empreendimento que não tenha esse sinal”<sup>(12)</sup>.

E, quanto ao amor ao Papa, rezava assim: “Obrigado, meu Deus, pelo amor ao Papa que puseste no meu coração”<sup>(13)</sup>. “Católico, Apostólico, Romano! — Gosto de que sejas muito romano. E que tenhas desejos de fazer a tua romaria, videre Petrum, para ver Pedro”<sup>(14)</sup>.

É significativo que as últimas palavras de São Josemaria nesta terra, pouco antes de que Deus o chamasse a Si, fossem uma exortação feita a um grupo das suas filhas, em Castelgandolfo, para que amassem com toda a alma a Igreja e o Papa. “Quando fordes velhos — tinha dito fazia pouco tempo, abrindo a alma —, e eu tiver prestado contas a Deus, haveis de dizer como o Padre amava o Papa com toda a sua alma, com todas as suas forças”<sup>(15)</sup>. Este amor a Maria, à Igreja e ao Papa é um dos mais vincados traços do seu espírito, que gravou indelevelmente na alma dos fiéis da Prelazia, e que, por meio deles, fica gravado no coração de quantos se aproximam do Opus Dei e procuram viver o seu espírito. ✧

P. Francisco Faus ordenou-se em 1955 e é licenciado em Direito pela Universidade de Barcelona e Doutor em Direito Canónico pela Universidade de São Tomás de Aquino de Roma.



**À Igreja Prelática de Santa Maria da Paz, que abriga o corpo de São Josemaria Escrivá, afluem constantemente peregrinos para lhe agradecer favores e pedir a sua intercessão**

1) J. Escrivá, *Questões actuais do Cristianismo*, 3ª ed., Quadrante 1986, nn. 60 e 62.

2) Cf. *Ibid.*, n. 60.

3) *Caminho*, n. 291.

4) *Questões actuais do Cristianismo*, n. 55

5) Bento XVI, discurso em 31/03/07.

6) Essa homilia pode ser ouvida – na voz do próprio São Josemaria – no site [www.opusdei.org.br](http://www.opusdei.org.br).

7) *Josemaria Escrivá, instrumento de Deus*, Ed. Quadrante, São Paulo 1992, p. 52.

8) São Josemaria Escrivá, *É Cristo que passa*, Quadrante 1975, n. 65.

9) *Carta*, 11 de Março de 1940.

10) *Caminho*, n. 82.

11) Cf. *Caminho*, n. 833.

12) Cf. *Ibid.*, nn. 494, 495 e 505.

13) *Ibid.* n. 573.

14) *Ibid.*, n. 520.

15) Salvador Bernal, *Perfil do Fundador do Opus Dei*, Ed. Quadrante, São Paulo 1977, p. 108.



## O Santuário do Monte Tibidabo

Na longa viagem de comboio até Barcelona, São João Bosco teve um dos seus proféticos sonhos: via um monte sobre o qual se levantava um magnífico templo.



P. Manuel Rodríguez Sancho

**D**esde a época em que Carlos Magno a reconquistou dos mulmulmanos, Barcelona, em Espanha, ostenta o título de “Cidade Condal”, e hoje em dia é uma enorme e cosmopoli-

ta urbe que, como tantas, não deixa de sofrer os efeitos colaterais de um acelerado progresso.

Dinâmica e empreendedora, a burguesia catalã subiu com decisão, já no início da revolução industrial, naquele complexo século XIX. E foi

neste mesmo período que surgiram alguns dos maiores santos catalães: Santo António Maria Claret, Santa Teresa de Jesus Jornet, Santo Henrique de Ossó, Santa Joaquina Vedruna e o Beato Francisco Palau y Quer, para mencionar só estes.



**Panorama de Barcelona, vista do Monte Tibidabo**

Sem dúvida, ao suscitar tantas almas eleitas, a Providência respondia às necessidades espirituais do povo católico, no meio das turbulências de um século marcado por tantas e muitas vezes dolorosas transições.

Mas ainda assim, havia a falta de um símbolo, de um elemento de beleza incontestável que marcasse essa época de ascensão da modernidade com o selo de um Cristianismo que não só pôde permanecer, mas ousou crescer e afirmar a vitória da fé sobre as coisas terrenas.

E isto surgiu de maneira milagrosa, no abençoado Santuário de Tibidabo.

### ***O Monte Tibidabo***

Quem se aproxima da cidade pelo mar, observa uma bonita serra que a envolve como um manto verdejante, alivia a enorme concentração de edifícios e pacifica os nervos, agredidos pelo trepidante tráfego. Ascendendo por suaves ondulações, chegamos ao ponto mais alto, chamado Monte Tibidabo.

“Tibidabo” provém da união de duas palavras latinas tomadas do Evangelho: *tibi dabo* (te darei). Elas recordam a terceira tentação de Satanás a Jesus no deserto: “Tudo isto

te darei, se prostrado me adorares” (Mt 4, 9). Os monges Jerónimos imaginaram que o diabo poderia ter tentado Jesus, oferecendo-Lhe do alto desse monte todas as riquezas da cidade de Barcelona... Esse nome renunciava já o seu destino religioso e providencial, que haveria de culminar com a doação feita por doze cavalheiros barceloneses, e aceite por um santo em 1886.

### ***Um sonho de Dom Bosco***

No dia 8 de Abril de 1886 chegava à Cidade Condal São João Bosco, com o objetivo de consolidar o novo colégio salesiano de Sarriá e conseguir auxílio para o Templo do Sagrado Coração de Jesus, que ele estava a construir em Roma por encargo do Papa Leão XIII.

Na longa viagem de comboio, Dom Bosco teve um dos seus proféticos sonhos: via um monte sobre o qual se levantava um magnífico templo; ao mesmo tempo, o ruído compassado do comboio sugeria-lhe constantemente uma frase latina: “*Tibi dabo! Tibi dabo! ...*”

No último dia da sua estada em Barcelona, 5 de Maio, quando foi agradecer à padroeira da cidade, Nossa Senhora das Mercês, os bens

recebidos nessa visita, recebeu das mãos de doze distintos e importantes cavalheiros barceloneses um pergaminho no qual diziam:

“Para perpetuar a lembrança da vossa visita a esta cidade, reuniram-se estes senhores, e de comum acordo, determinaram ceder-vos o cume do Monte Tibidabo. Isso para que, no alto do mesmo, que ameaça converter-se numa fonte de irreligião, seja levantado um santuário dedicado ao Sagrado Coração de Jesus, a fim de manter firme e indestrutível a religião que com tanto zelo e exemplo nos tendes pregado, e que é nobre herança dos nossos pais.”

Dom Bosco, já ancião, ficou comovido, e agradecido respondeu-lhes:

“Sois instrumentos da Divina Providência, porque cumpris os seus inescrutáveis desígnios. Quando saí de Turim, pensava comigo mesmo: ‘Agora já está quase terminada a igreja do Sagrado Coração de Jesus em Roma, preciso estudar outra empresa para honrar e propagar esta tão salutar devoção’. E uma voz interior tranquilizava-me, pensando que aqui poderia satisfazer o meu desejo; era uma voz que me repetia: *‘Tibi dabo! Tibi dabo!’* Sim, senhores, com a vossa ajuda, logo se levantará neste monte um majestoso santuário dedicado ao Sagrado Coração, no qual todos poderão aproximar-se dos santos Sacramentos, e será perpétua a lembrança da vossa caridade e do vosso afecto à religião católica.”

### ***A ermida, e as primeiras romarias***

No dia 30 de Maio foi iniciada a construção de uma pequena ermida, custeada por uma piedosa dama barcelonesa: a venerável Dona Dorotea de Chopitea. Em 3 de Julho ela foi abençoada, e já se celebraram Missas no domingo seguinte. Infelizmente, depois disso houve várias tentativas de certos governantes anticristãos, de desviar o seu uso para “fins de utili-





**O artístico mosaico do Sagrado Coração de Jesus, que orna o portal do Santuário**

dade pública”. Mas o fervor dos barceloneses logrou impedi-lo.

Já no ano seguinte, 1887, formouse um movimento popular: na segunda-feira de Pentecostes, começou uma romaria que, pelo facto dos participantes recolherem flores silvestres ao longo do caminho, recebeu o nome de Romaria dos Ram (ramo, em catalão). Ficou tão arraigado o costume dessa romaria que nem sequer durante os anos da sangrenta Guerra Civil Espanhola, deixou de se celebrar, ainda que de maneira simulada. O cume mais alto de Barcelona tinha sido conquistado definitivamente para Nosso Senhor Jesus Cristo.

### ***A realização de um sonho***

No ano de 1902, o Cardeal Casañas, Bispo de Barcelona, ao colocar a pedra fundamental do santuário, disse: “Santificar a montanha do Tibidabo, dedicando-a ao adorável Coração de Jesus, é, sem dúvida, a melhor reparação que se pode oferecer a Deus por parte de Barcelona, pelas ofensas de todo tipo que contra Ele se cometem na nossa cidade. O Sagrado Coração de Jesus levantar-se-á neste cume como eficaz

pára-raios que, desarmando os raios da Divina Justiça irritada pelos nossos pecados, converte-los-á em centelhas de misericórdia que comovam e no seu amor incendeiem todos os homens”. Em 1911 inaugurou-se a cripta, mas a grande penúria económica tornou muito lento o avanço das obras. Curiosamente, não foi nenhuma grande fortuna que impulsionou essa enorme construção. Foi uma simples dona de casa, Amelia Vivé Negra, quem, sem outros recursos além do seu fervor e calor comunicativo, promoveu uma grande campanha cujo produto se destinava às obras.

Depois das calamidades e desastres da Guerra Civil, reiniciaram-se as obras que foram, por fim, coroadas no dia 10 de Outu-

### **O corpo de São João Bosco, que se venera na cidade de Turim**

bro de 1961 com a colocação de uma monumental imagem em bronze do Sagrado Coração, de 7 metros de altura e 4.800 kg. Nesse preciso dia, cumpriam-se 75 anos da doação do cume do Monte Tibidabo a São João Bosco.

Um longo e árduo caminho tinha sido percorrido. Sem dúvida, a vitória proclamada do alto dessa montanha por este bendito Santuário é o símbolo da glória definitiva que um dia a Santa Igreja de Nosso Senhor Jesus Cristo haverá de alcançar, a qual Ele mesmo profetizou: “Eu venci o mundo!” (Jo 16, 33). ✨



# América

Não foi por acaso que os primeiros descobridores europeus chegaram ao Novo Mundo justamente em terras da América Central. Com eles, vieram os primeiros missionários, e desde então, há uma sensível predileção de Nossa Senhora por estas terras, nas quais sempre se sobressaiu uma terna e profunda devoção à Mãe de Deus.

Ao continuar, mais ainda, estimular e acrescer tão belos e salutareos costumes cristãos, os Arautos do Evangelho desdobram-se em actividades marianas nos países centro-americanos onde estão estabelecidos. Uma ampla gama de modalidades de apostolado é por eles desenvolvida: Várias fanfarras musicais animam os eventos litúrgicos e as procissões, um cronograma repleto e ininterrupto



**Guatemala** – No Hospital de tuberculosos Rodolfo Robles, em Quetzaltenango (esquerda) e no Hospital Nacional de Totonicapán (direita), várias centenas de enfermos receberam a consoladora visita da Imagem Peregrina



**Guatemala** – Numerosos jovens arautos realizaram Missões Marianas nos arredores da Cidade de Guatemala (foto 1), na paróquia de São José de Pinula (foto 2), e na vila de Totonicapán, na Arquidiocese de Quetzaltenango (foto 3)



# Central

prevê a visita à hospitais, orfanatos e instituições carcerárias, levando conforto e esperanças aos anciãos, órfãos e prisioneiros.

Assistindo um grande números de paróquias, os arautos prestam um valioso auxílio aos sacerdotes e bispos, na sempre trabalhosa faina da Nova Evangelização.

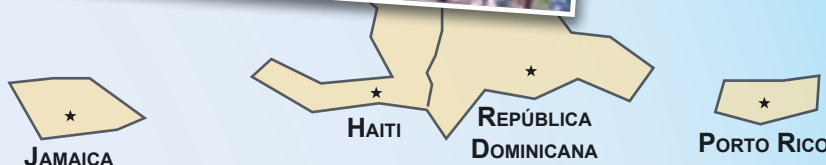
A formação de uma sadia juventude católica é considerada de suma importância. Várias casas, tanto do ramo masculino como feminino, preparam jovens na Guatemala, Costa Rica, Nicarágua e El Salvador.

Uma academia de formação funciona na Guatemala, e os seus membros, além de uma séria e metódica formação intelectual, também participam de práticas apostólicas auxiliando as várias pastorais das dioceses locais.

★ CUBA



**República Dominicana –**  
Os habitantes do povoado El Tunel receberam com devoção a Imagem Peregrina do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria



BELIZE

★ GUAJANAS

★ NICARÁGUA

★ COSTA RICA

★ PANAMÁ

**El Salvador –** A imagem de Nossa Senhora visita pessoas de todas as idades e condições: dos alunos do Centro Escolar São Bonifácio, em Huizúca (foto 2), até aos doentes do Hospital Militar de San Salvador (foto 4), ou os detentos do Centro Penal de Apanteos, em Santa Ana (fotos 1 e 3)



1



4



2



3



**Brasil** – Na Solenidade de Pentecostes, o Padre Marcos Faes de Araújo, recém-ordenado, celebrou pela primeira vez a Missa na Catedral Basílica Menor do Santíssimo Salvador de Campos.



**Brasil** – O Arcebispo de Maceió, Dom Antonio Muniz Fernandes, visitou a casa dos Arautos nessa capital, onde celebrou a Eucaristia e participou de um almoço com jovens aspirantes e familiares.



**Canadá** – A pedido do pároco de Nobleton, o P. Marcos Faes, dos Arautos, presidiu a cerimónia do Corpo de Deus, enquanto o coro desta Associação entoava os cânticos litúrgicos.



**Inglaterra** – A paróquia de Nossa Senhora e São José (situada em Kingsland, Londres) recebeu a imagem peregrina do Sapiencial e Imaculado Coração de Maria.



**Foz de Arouce** – Logo no início das férias escolares, os Arautos do Evangelho promoveram um acampamento de formação para cerca de 150 jovens. A recitação diária do terço, em procissão, e a intensa vida de piedade marcaram profundamente os jovens que, com entusiasmo, participaram da Missa de encerramento, celebrada pelo P. Luiz Henrique Oliveira Alves, novo Superior Geral em Portugal.





## *Missa com o Cardeal Bertone*

**A** Confraria de São João Baptista dos Genoveses em Roma celebrou com esplendor a festa do seu padroeiro. Conforme a tradição, o Cardeal Tarcisio Bertone, Secretário de Estado da Santa Sé e actual Camerlengo da Santa Igre-

ja Católica foi convidado a presidir o solene pontifical. A pedido da Confraria, e guiados por Mons. Angelo di Pasquale, dois Arautos diáconos exerceram o seu ministério, sendo auxiliados na Liturgia por outros membros desta Associação.



# Fazer viva a memória de Pedro

Arcipreste da Basílica de São Pedro, Vigário Geral de Sua Santidade para a Cidade do Vaticano, Presidente da Fábrica de São Pedro: os honrosos títulos de Dom Ângelo Comastri, não revelam, entretanto, a sua rica personalidade, que o leitor poderá apreciar na entrevista amavelmente concedida a “Arautos do Evangelho”

**P. José Francisco Hernández Medina**

Procurador Geral

***Arautos do Evangelho: Como Sua Excelência se sente diante da responsabilidade de ser o Arcipreste da Basílica de São Pedro?***

No dia de 31 Outubro de 2006 fui nomeado Arcipreste da Basílica de São Pedro pelo Santo Padre Bento XVI. O primeiro sentimento que experimentei naquele momento foi de desproporção; tanto é assim que ao escrever a carta de agradecimento ao Papa fiz essa confidência: “Padre Santo eu agradeço pela confiança, mas sinto-me completamente desproporcionado em relação a esse dever, e eu aceito-o simplesmente entregando-me à misericórdia do Senhor e à sua benevolência. Mas posso garantir que colocarei todo o meu empenho para corresponder — no que eu possa — à sua confiança”.

Claramente a Basílica de São Pedro é, num certo sentido, a Basílica colocada sobre a colina; tudo o que acontece aqui está aos olhos do mundo, tem ressonância no mundo. E é claro, portanto, que quem vive aqui e é chamado a trabalhar aqui tem uma imensa responsabilidade.

Eu procuro não só me empenhar, mas pedir muitas orações. E eu sinto-me, digo sinceramente, envolto e protegido pelas orações de muitas pessoas que me acompanham nesse serviço eclesial de grande responsabilidade.

***AE: Qual a importância da Basílica de São Pedro?***

A importância deste lugar está ligado ao que aconteceu aqui. Eu costumo dizer que a Basílica de São Pe-

dro não é formada apenas por algumas pedras. Se pensarmos que a Basílica tem um pavimento de dois hectares e duzentos metros, mosaicos que reunidos dariam um hectare, uma abóbada com mais de três hectares de superfície revestida de gesso... veremos que são cifras impressionantes!

Mas não é isso que impressiona aqui. O que espanta é que tudo isso nasça em torno de uma pessoa: Simão, chamado “pedra”, que era apenas um pobre pescador do Lago da Galiléia, mas a quem um dia Jesus disse: “Tu és Simão, de ora em diante te chamarás “pedra”.

Esse era um desafio humanamente impossível, pois o facto de que esse pobre Simão, que em nada se parecia com uma “pedra”, tenha se tornado a



**“Tudo o que acontece na Basílica de São Pedro está aos olhos do mundo, tem ressonância no mundo”**

“pedra” da Igreja, é uma coisa a altura somente de Deus.

Então a importância deste lugar está no facto de que esse Simão tenha vindo a Roma, e aqui tenha confirmado com o martírio o seu testemunho. Praticamente aquilo que ele disse na Galileia: “Tu és Cristo, o Filho de Deus Vivo”, “Senhor, a quem iremos, somente Tu tens palavras de vida eterna”, ou então como disse depois da Paixão “Senhor, tu sabes tudo, tu sabes que eu te amo”, tudo isso Pedro confirmou aqui. Portanto é um lugar que fala da vida de Pedro, e fala a toda a Igreja. E a vida de Pedro não terminou, pois o seu papel é continuado pelos seus sucessores.

Todos os dias nós recitamos uma oração na Basílica que diz: “Pedro, primeiro Papa, nesse lugar encontraste o Calvário da tua crucifixão. Reúne, pois, no Céu a todos os Santos Pontífices, a todos os Santos Mártires para proteger o teu sucessor, de modo que esse lugar seja um Jardim de Verdade e um Fardo de Caridade.

***AE: E que sensação se tem ao percorrer esse ambiente?***

Sem dúvida o túmulo de São Pedro é um túmulo que fala, e podemos dizer que é um túmulo em torno do qual se apalpa o testemunho da sua fé. Porque nenhum túmulo fala com tanta força como a sepultura deste apóstolo.

Algumas vezes quando eu desço às Grutas Vaticanas, sobretudo no fim da tarde, quando há menos pessoas, eu fecho os olhos e parece que eu ouço o lamento dos mártires, a sua oração e os seus sofrimentos; são coisas que aconteceram nesse lugar. Eu imagino a própria tarde do martírio de São Pedro, quando os cristãos recolheram o seu corpo crucificado, e a passo lento, certamente rezando o trouxeram para o lado de cá do Circo de Nero, e escavaram o túmulo, o mais pobre que se podia imaginar. Dois mil anos depois não resta a sombra nem de Nero nem do Circo, mas do pobre pescador — nós mesmos somos testemunhas — ficou esse prodigioso íman universal que é a Sede de Pedro.

Isso faz com que pensemos muito; e que nos comovamos muito.

***AE: A Basílica de São Pedro é a Igreja do Papa. Como se vive essa realidade?***

Seguramente esse é o papel principal da Basílica, pois essa é a Basílica de Pedro e do sucessor de Pedro. É um templo *ad corpus martire*, sobre o corpo do mártire, o primeiro do género, desejado e edificado por Constantino no séc. III. Após 1.200 anos a Basílica encontrava-se numa delicada situação de conservação, então pensou-se numa nova edificação.

A pedra fundamental da actual Basílica foi colocada em 18 de Abril de 1506. Na ocasião pareceu a todos uma empresa gigantesca, faraónica, quase exagerada. Hoje, depois de 500 anos a Basílica de São Pedro é insuficiente para acolher as multidões que aqui vêm; e mesmo a Praça de São Pedro já se tornou pequena. No dia de Páscoa desse ano, por exemplo, a multidão chegava até ao Castelo de Sant’Angelo.

Portanto o papel principal da Basílica é acolher as celebrações papais, nas quais se sente a catolicidade. Quantas vezes me acontece de parar e perguntar:

— De onde vem?

— Filipinas!

— E você?

— Nepal! — só uma vez eu ouvi essa resposta, e surpreendi-me, imagine, há católicos até mesmo no Nepal! E continuando a perguntar, ouço:

— Portugal, Espanha, Austrália, Irlanda, Colômbia, Estados Unidos... — enfim, de todas as partes, e justamente essa é a respiração da Igreja Católica, que as celebrações papais fazem com que se sintam de modo particular.

***AE: Com efeito, é na Basílica que se dá o maior número das celebrações papais, e isto confere-lhe algo muito especial...***

Certamente quando o Papa celebra, sente-se toda a Igreja reunida em torno dele. Sente-se que vivemos, de algum modo, aquilo que acontecia no Cenáculo, em Jerusalém, quando se reuniam os

Apóstolos em torno de Pedro, nos primeiros passos da Igreja. Eles seguramente sentiam a força da comunhão.

Então, quando o Papa celebra, experiência que eu, particularmente, mais vivo é a de comunhão, ou ainda melhor, a comunhão como força. Jesus disse: “Quando dois ou três se reunirem em meu nome, eu estarei no meio deles” (Mt 18,20), e Ele também disse: “Sede uma só coisa, a fim de que o mundo acredite que Tu me enviaste” (Jo 17, 21). E quando se está junto com o Papa sente-se a realização dessa oração de Jesus.

***AE: Como convivem os peregrinos e os turistas?***

A média de pessoas que visita a Basílica de São Pedro cada dia é de 30.000 pessoas, e é preciso acrescentar mais 15.000 pessoas que visitam



**“São 30.000 pessoas que visitam a Basílica de São Pedro cada dia, e muito frequentemente o visitante ou turista se torna peregrino”**

os túmulos dos papas. É uma multidão imensa, em algumas igrejas nem mesmo em um ano entram tantas pessoas assim. Não é fácil, portanto, harmonizar essas pessoas.

Eu costumo dizer: Aqui existe um pouco de movimento, um pouco de “confusão”, semelhante àquela que havia em Jerusalém, quando Jesus entrou na cidade no Domingo de Ramos. E era uma “bela confusão”, pois era uma “confusão” alegre.

Em São Pedro existe sempre o murmúrio da multidão, mas é sempre um “zum-zum” pacato, poderíamos

até dizer que é um murmúrio atento, pois as pessoas sentem que nesse lugar há algo misterioso. E muito frequentemente o visitante ou turista se torna peregrino.

Eu já colhi muitos testemunhos, até mesmo de um anglicano que, após visitar os túmulos dos Papas, disse estar muito comovido:

— *The stones have spoken!* — as pedras falaram, dizia ele.

***AE: A Basílica tem um plano pastoral, voltado a atender os visitantes?***

Nós insistimos muito na oração. Por desejo do Santo Padre todos os dias, às 6 da tarde, nós renovamos a profissão de Fé, no altar da Cátedra, que é o altar que mais expressa a missão de São Pedro. A essa profissão de Fé participam muitos peregrinos.

A Basílica não pode ter um verdadeiro plano pastoral, pois nós nunca sabemos quem vamos encontrar. Nós procuramos o quanto é possível, e esse é um compromisso de todos, exprimir o rosto acolhedor da Igreja Católica. Independente de onde venham, queremos que sintam que aqui é a casa deles.

As capelas estão sempre à disposição, e é muito belo ouvir em certos momentos a missa celebrada ao mesmo tempo em 8 línguas diferentes. É como um novo Pentecostes.

Há ainda alguns espaços reservados, como a Capela da Adoração, onde todos os dias, da manhã ao fim da tarde, está exposto o Santíssimo, e todos podem entrar, mas apenas para rezar.

***AE: Sua Excelência é também Vigário Geral da Cidade do***



***Vaticano, bem como Presidente da Fábrica de São Pedro.***

***Quais são as responsabilidades inerentes a estes cargos?***

O Vigário tem a responsabilidade de cuidar da administração do sacramento no Estado do Vaticano, nas paróquias de Santa Ana e na paróquia de São Pedro, nas quais há muitos batismos, muitas confissões e muitos casamentos. Além disso há a preocupação pela saúde espiritual de todos os empregados, para os quais organizamos até mesmo retiros espirituais.

A Fábrica de São Pedro é uma instituição nascida com a Basílica, e foi criada para a construção da Basílica. Foi uma obra muito longa, demorada, e dado o seu tamanho ela precisa continuamente de intervenções. Não é pelo gosto de ter um monumento grande, mas o que se busca é que seja belo, limpo, para respeitar as pessoas que vêm, respeitar o povo de Deus.

Se pensamos em quantas pessoas passam por dia nos ambientes da Basílica, e que nunca se encontra um pedaço de papel no chão, pode-se entender o modo exemplar com que trabalham todos. Mais ainda, trabalham com amor e com devoção. Muitas vezes eu lembro-lhes que as pessoas não vêm neles empregados, mas vêm neles a Igreja Católica. Então, se eles fazem o bem, é a Igreja que faz o bem.

Na Basílica queremos ser cada vez mais aquilo que por vocação somos chamados a ser, ou seja, ser a memória do martírio de São Pedro, uma memória viva, que se personaliza num homem, que continua a missão de Pedro. Nós estamos aqui para servir e sustentar o ministério do Papa.

***AE: Para concluir, uma mensagem para os leitores...***

Eu queria que hoje cada um de nós sentisse que não estamos a viver um tempo hostil ao Evangelho, mas

um tempo a ele favorável. A sociedade de hoje, sobretudo a sociedade do bem-estar, é uma sociedade aparentemente feliz, mas na verdade desesperada.

Existe um grande desejo do Evangelho, uma grande expectativa pelo Evangelho. Não devemos desiludir esses sentimentos! A demanda existe, e nós devemos ser a oferta autêntica.

O Cardeal Schuster dizia: essa é uma época na qual as pessoas não acreditam mais em ninguém, mas se chega um santo, está disposta a colocar-se de joelhos.

Os santos são — mais do que nunca — passíveis de serem acreditados. Nós o vimos com João Paulo II. Eu estou convencido que ele se impôs ao afecto, admiração e devoção do mundo sobretudo através da sua doença. Porque ali ficou claro que a sua Fé era verdadeira. Para nós era evidente, mas para os outros ficou claro que ele acreditava naquilo que dizia. E assim ele arrastou o mundo. ✧



**“Queremos ser cada vez mais aquilo que por vocação somos chamados a ser, ou seja, a memória viva do martírio de São Pedro**

# Oração à Santíssima Virgem

**Ó** bem-aventurada e dulcíssima Virgem Maria, Mãe de Deus, cheia de toda bondade, filha do Rei dos Reis, Soberana dos Anjos, Mãe do Criador do universo, confio à vossa maternal bondade — hoje e em todos os dias da minha vida — o meu corpo e a minha alma, todas as minhas acções, os meus pensamentos, os meus actos da vontade, os meus desejos, as minhas palavras, as minhas obras, a minha vida inteira e a minha morte, a fim de que, com o vosso apoio, tudo se encaminhe para o bem, segundo a vontade do vosso querido Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, a fim de que eu Vos tenha, ó minha santíssima Soberana, como aliada e consoladora, contra as emboscadas e as armadilhas do antigo adversário e de todos os meus inimigos.

Dignai-Vos obter-me do vosso amado Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, a graça que me permita resistir às tentações do mundo, da carne e do demónio, e de manter sempre o firme propósito de não mais pecar doravante, mas de perseverar no vosso serviço e no do vosso querido Filho.

Rogo-Vos também, ó minha santíssima Soberana, de me obter uma verdadeira obediência e uma sincera humildade de coração, a fim de que eu me considere verdadeiramente como um miserável e frágil pecador, incapaz não só de fazer qualquer boa obra, mas também de resistir aos ataques contínuos das

tentações, se não tiver a graça, o socorro do meu Criador e das vossas santas orações.

Obtende-me ainda, ó minha dulcíssima Soberana, uma castidade



“Madonna del Miracolo”,  
Igreja Sant’Andrea delle Frate, Roma

perpétua de espírito e de corpo, a fim de que, com o coração puro e o corpo casto, possa servir o vosso Filho bem-amado, assim como a Vós mesma, segundo a minha vocação.

Obtende-me d’Ele a pobreza voluntária, com a paciência e a tranquilidade de espírito, a fim de que possa enfrentar os trabalhos da minha condição, para a minha salvação e a dos meus irmãos.

Obtende-me também, ó dulcíssima Soberana, uma caridade perfeita,

que me faça amar de todo o coração o vosso santíssimo Filho Nosso Senhor Jesus Cristo — e a Vós mesma depois d’Ele — acima de todas as coisas, e ao próximo em Deus e por causa de Deus, sabendo alegrar-me com o bem alheio, afligir-me pelo mal do próximo, não menosprezar ninguém, nunca julgar temerariamente nem me preferir a ninguém.

Ensinai-me, ademais, ó Rainha do Céu, a unir sempre no meu coração o temor e o amor do vosso dulcíssimo Filho; a dar-Lhe sempre graças por tantos benefícios que me vêm, não dos meus méritos, mas da sua pura bondade; a fazer dos meus pecados uma confissão pura e sincera, e uma verdadeira penitência, para assim merecer a sua misericórdia e perdão.

Suplico-Vos, por fim, ó única Mãe, porta do Céu e advogada dos pecadores, de não permitir que no término da minha vida eu, vosso indigno servidor, me desvie da santa fé católica; que me socorrais segundo o vosso grande amor e misericórdia, e me defendais dos espíritos maus; que, pela gloriosa Paixão do vosso abençoado Filho e pela vossa própria intercessão, com o coração cheio de esperança, me obtenhais de Jesus o perdão dos meus pecados, de sorte que, morrendo no vosso amor e no d’Ele, me conduzaís pela via da salvação eterna.

Assim seja.

(São Tomás de Aquino)

# Cápua: preciosa lição de vida espiritual

Aníbal foi um excelente general, astuto e ao mesmo tempo ousado. No entanto, no momento mais dramático da sua grandiosa campanha militar, faltou-lhe a prática de uma importantíssima virtude.



Clara Isabel Morazzani Arráiz

**R**oma, a invencível, a poderosa, tremia... Num só dia perdera o escol dos seus soldados e da sua cavalaria; deixara sobre o campo de batalha 50 mil mortos e vira cair nas mãos dos seus inimigos mais de 10 mil prisioneiros. A soberba rainha das nações sofrera o maior desastre militar de toda a sua história. E a derrota não se limitava a estas consequências: era de se temer que o adversário, alentado pela recente vitória, alcançada de forma tão fulminante, continuasse a sua marcha triunfal até às portas da Cidade Eterna, derrubasse a sua supremacia e mudasse completamente os rumos do Ocidente.

Quem era o contendor que ousava opor resistência ao glorioso avanço das legiões romanas, levando a sua audácia ao extremo de as desafiar no coração do seu poderio? Quem era este que, num golpe estratégico ma-

gistral, se aventurara a travar a colossal força de Roma e agora a mantinha numa humilhante incerteza?



**Aníbal Barca, o general cartaginês que desafiou Roma**

Busto em mármore de Aníbal  
Museu Nacional - Nápoles (Itália)

## **Aníbal e a campanha contra Roma**

Havia já muitos anos, uma rivalidade surgira entre as duas potências da Antiguidade: Roma e Cartago. Não poupou a primeira, no seu ímpeto conquistador, os territórios da segunda situados nas ilhas de Sicília, Córsega e Sardenha, ocasionando a Primeira Guerra Púnica. Se Roma tinha conseguido ampliar as suas fronteiras, comprara ao mesmo tempo uma inimiga irreconciliável que nutria um profundo desejo de vingança.

Em Cartago, entre os mais acirrados na oposição a Roma, achava-se a dinastia dos Barca, cujo chefe, Amílcar, distinguira-se pela sua coragem e determinação ao longo das campanhas militares na Península Ibérica. Conta a tradição que ele obrigou o seu filho Aníbal, de nove anos, a jurar diante dos altares dos deuses ódio eterno aos romanos.



**A extraordinária campanha de Aníbal é considerada um dos maiores feitos militares da história**

Pode-se dizer que a partir daí a vida de Aníbal não foi mais que o estrito cumprimento da sua promessa. Educado pelo seu pai nas rudes façanhas da guerra na Hispânia, o jovem descendente dos Barca reunia predicados aparentemente contraditórios: sabia aliar a astúcia à energia, o maior dos entusiasmos a um cálculo frio e sagaz; era ao mesmo tempo o melhor dos peões e o mais hábil dos cavaleiros, o primeiro no ataque e o último na retirada.

Após a morte do seu pai e do seu cunhado, o exército cartaginês elegeu-o general quando tinha apenas vinte e um anos. Aníbal revelou-se um excelente estrategista, demonstrou logo o seu gênio improvisador nos combates e realizou verdadeiras proezas. Rompendo a trégua temporária que havia entre Cartago e Roma, atacou várias cidades pertencentes a esta na Hispânia, saindo sempre vencedor.

Em 218 decidiu pôr em prática o sonho temerário de tomar Roma e destruir por completo a sua primazia. Os romanos conheciam as intenções do jovem general e esperavam-no no mar com uma numerosa frota; entretanto Aníbal, temendo ser derrotado numa batalha naval onde a superioridade dos seus inimigos era patente, preferiu levar as suas tropas por terra atra-

vés da Hispânia e da Gália. Reuniu um exército de 100 mil guerreiros com 37 elefantes, transpôs o Ródano, os Pirineus e os Alpes, estes últimos cobertos de neve e cheios de perigos e obstáculos. Grande parte dos soldados pereceu ao longo da viagem, mas o general não se intimidou, e recrutou gauleses para reparar as perdas sofridas.

O seu avanço militar pela Itália foi marcado por uma série de êxitos extraordinários. Chegando a Tesino, venceu o cônsul Cornélio Cipião e pouco mais tarde, em Trébia, infringiu uma vergonhosa derrota à legião comandada por Semprônio. No ano seguinte, obteve nova vitória às margens do lago Trasimeno, contra as forças lideradas pelo cônsul Flamínio. Com a chegada da notícia dessa batalha, o terror espalhou-se em Roma. Quinto Fábio Máximo, eleito ditador, pôs a cidade em estado de defesa e reuniu às pressas um novo contingente com o intuito de conservar ao menos a capital.

Não obstante essas medidas de prudência tomadas por Fábio Máximo, o general púnico conseguiu atrair os cônsules Terêncio Varrão e Paulo Emílio a uma batalha em Canas, em campo aberto, como era bem do seu gosto, pois sempre vencia nesse tipo de combate. Aníbal dispôs os seus africanos, gauleses e iberos em ordem de

batalha, armados de longas espadas e afiados alfanjes. A luta foi encarniçada. De ambos os lados, os guerreiros combateram heroicamente, mas Aníbal, apesar da inferioridade numérica do seu exército, saiu vencedor. Como afirmamos acima, Roma sofreu aí a pior derrota da história da República e viu cair sob os golpes dos cartagineses a fina flor da sua força combatente.

### ***O exército cartaginês detém-se em Cápua***

Após a batalha de Canas, muitos contemporâneos pensaram que Roma chegara ao fim da sua glória, e alguns dos seus aliados italianos, julgando-a perdida, decidiram unir-se a Cartago. A queda da capital parecia uma consequência natural do avanço cartaginês.

Entretanto, deu-se o inesperado: ao invés de se lançar sobre a cidade no momento em que ela se achava indefesa e sem coordenação militar, Aníbal preferiu retirar-se para Cápua (uma das cidades que lhe tinham aberto as portas) a fim de ali passar o Inverno e conceder um merecido descanso às suas tropas. Sem dar ouvidos às sugestões dos seus oficiais, de logo invadir Roma, e aos acertados avisos do seu lugar-tenente Maarbal que lhe dizia: “Tu sabes vencer, Aníbal, mas não aproveitar da vitória”, ele deixou-se ficar em Cápua, gozando de uma vida ociosa e devassa. Os seus soldados, que estavam no auge do furor bélico, ficaram de repente sem motivação por verem o próprio chefe abandonar os seus objectivos para se dedicar ao descanso, e entregaram-se aos prazeres de uma vida fácil, a ponto de, entre os romanos, dizer-se que eles “tendo entrado homens, saíram transformados em mulheres”.

Era o toque de finados do sonho cartaginês: Aníbal cometera um erro irreparável. Ao facilitar o repouso e o relaxamento dos seus valentes e conceder-lhes tudo quanto quisessem, julgava que eles adquiririam assim um redobrado vigor para se jogarem de novo sobre o adversário. Entretanto, o resultado foi preci-

samente o contrário: de tanto descansar no meio dos prazeres, eles amoleceram e perderam o desejo de vencer. A inação dos cartagineses em Cápua deu aos romanos oportunidade de reagrupar as suas forças e iniciar uma hábil contra-ofensiva, hostilizando a retaguarda africana e cortando-lhe o aprovisionamento. Aníbal jamais chegaria a entrar em Roma.

### **Profunda lição de vida espiritual**

Após ter cruzado toda a Península Ibérica, transposto os Alpes e enfrentado vitoriosamente os poderosos exércitos romanos, o enérgico general africano sucumbiu em Cápua. O que, exactamente, teria acontecido?

“*Finis coronat opus*” (o fim coroa a obra), diz o provérbio latino. Aníbal confiou demais nas suas próprias forças e já deu a vitória por obtida quando pouco lhe faltava para alcançar o termo final. Sem ter atingido o seu objectivo último, todas as suas lutas anteriores ficaram tremendamente destituídas de brilho e até mesmo, de certo modo, sem sentido.

Ele foi um excelente general, astuto e ao mesmo tempo ousado. No entanto, no momento mais dramático da sua grandiosa campanha militar, faltou-lhe praticar a virtude que dispõe a razão a discernir em qualquer circunstância nosso bem, e a escolher os meios adequados para realizá-lo: a prudência.

“*O homem prudente vigia os seus passos*” (Pr 14,15), afirma a Sagrada Escritura. São Tomás, citando Aristóteles, ensina que a prudência é a “*regra certa da acção*” (1). Ela é chamada “*auriga virtutum*” (o cocheiro, ou o portador, das virtudes), porque conduz as outras virtudes, indicando-lhes a regra e a medida. Graças à prudência, aplicamos sem erro os princípios morais aos casos particulares e superamos as dúvidas sobre o bem a fazer e o mal a evitar (2).

Onde falhou Aníbal? Tivesse ele sido prudente, teria considerado quanto risco havia em entregarem-se, ele e os seus soldados, aos devaneios

das paixões que Cápua oferecia, desviando-se assim do primordial, a conquista de Roma. A ele — que era pagão e desconhecia os salutares preceitos da moral cristã — teriam bastado os ensinamentos de Aristóteles, o qual previne os imprudentes contra o risco dos prazeres desregrados: “*O deleitável e o triste pervertem no coração o conceito da prudência*” (3).

Mas o Cristianismo vai muito além. Na Suma, o grande São Tomás disserta sobre a prudência de modo completo e profundo. E é muito claro ao afirmar que ela se perde, não tanto por distrações ou esquecimentos, mas, sobretudo, quando é enleada pelas paixões: “*A prudência não desaparece directamente pelo esquecimento. Ela, ao invés, corrompe-se pelas paixões*” (4).

Deste facto histórico passado na antiquíssima cidade itálica tiramos, sem dúvida, uma preciosa lição. Ele é útil tanto para quem adoptou o estado religioso quanto para os cristãos que vivem na sociedade. A entrega a um vício, a uma paixão, por pequena, fugaz e sem importância que pareça, é sempre uma imprudência que pode arruinar anos de uma bem levada vida devota. Pode destruir uma em-

presa, um casamento ou uma família, uma juventude brilhante ou uma respeitável maturidade. Quantas “Cápuas” não terão destituído da coroa da dignidade pessoas que passaram uma existência inteira na observância dos melhores preceitos morais, levando-as até a terem vergonha de si mesmas?

O exemplo da derrota do infeliz Aníbal e, sobretudo, os sábios ensinamentos da Santa Igreja, são um sério e irrecusável convite a todos nós, no sentido de nunca fraquejarmos na prudente vigilância e no combate às más paixões. Além disso, nunca será demais recordar que nenhuma virtude pode ser estavelmente praticada sem o precioso auxílio da graça. Mas esta jamais será recusada àqueles que a pedem com insistência e confiança, sobretudo quando pela intercessão de Maria Santíssima. Sejamos prudentes e confiantes, e não haverá “Cápua” a desviar-nos do caminho da eterna salvação. ✧

1) *Suma Teológica* II-II, q. 47, a. 2.

2) Cf. CIC n. 1806.

3) In VI Ethic.

4) *Suma Teológica*, II-II q. 47, a. 16.



Gustavo Kraji

### **O emprego de elefantes foi uma peça fundamental da estratégia cartaginesa**

“Aníbal ao atravessar os Alpes”, afresco de Jacopo Ripanda, Museu Capitolini, Roma



# Maria, a linguagem por excelência do amor de Deus

No dia 24 de Junho, sob a presidência de D. Manuel Felício, Bispo da Guarda, os Arautos do Evangelho e os participantes da Campanha “O Meu Imaculado Coração Triunfará!” da região da Covilhã reuniram-se numa manhã de convívio e de oração, culminada com a Santa Missa. Na homilia D. Manuel Felício convidou a numerosa assembleia a encontrar, com Maria, o caminho que devemos percorrer.



**D. Manuel da Rocha Felício**

Bispo da Guarda

**J**ustificamos a nossa alegria, neste dia em que celebramos a solenidade do nascimento de João Baptista, esta homenagem a Nossa Senhora de Fátima, ao Coração Imaculado de Maria, que nos é proposta pelos Arautos do Evangelho.

Louvamos o Senhor pela presença desta Associação. Como disse no princípio da celebração, trata-se de uma Associação de Fiéis, portanto em sintonia com o coração da Igreja, em sintonia com as grandes preocupações da Igreja.

Há cerca de dois meses, o fundador dos Arautos do Evangelho, o P. Clá Dias, era recebido pelo Santo Padre Bento XVI. E neste momento em que esteve com o Papa, o fundador lhe disse: “Quero renovar, o meu compromisso com a Igreja, a minha fidelidade à Igreja e a disponibilidade dos Arautos do Evangelho para a obra de Evangelização”.

## ***Praesto sum, disponibilidade incondicional ao Senhor***

Sabemos como a identidade desta Associação de Fiéis está marcada por uma atitude interior de todos os seus associados: esta disponibilidade incondicional ao Senhor que chama. Por isso o seu lema *praesto sum*, que quer dizer estou pronto, é a marca que nós sentimos muito anunciadora dum bem maravilhoso. Se me chamar para aqui, vou para aqui, se me chamar para acolá, vou para acolá. E essa é a mensagem do Coração de Maria. Quando o anjo lhe bateu à porta e lhe disse: “Agora vai ser a Mãe do Salvador”. Certamente, Ela tremeu dos pés à cabeça, não compreendeu, e tinha todas as razões para dizer: “Vai ter com outro, porque eu não sirvo para isto!” Mas Ela soube dizer: Eis-me aqui! Faça-se em mim segundo a tua palavra. *Praesto sum!* Estou pronta! Faz de mim o que entenderes.

Este lema dos Arautos do Evangelho lembra-nos com certeza o chamamento que o Senhor faz a Samuel, em que ele ouviu vagamente uma chamada que não sabia bem para quê, nem de onde vinha, mas prontamente foi ter com o seu superior. E o discernimento foi-se fazendo devagarinho. O primeiro não era; o segundo não era; no terceiro, o seu superior, o sacerdote Eli lhe diz: “Ah! olha, é o Senhor que te chama. Quando ouvires outra vez, diz-lhe: ‘Senhor, estou aqui! Pronto para o que tu quiseres’”.

Esta é uma marca fundamental da nossa existência humana e cristã. Só assim se pode ser verdadeiramente humano neste diálogo de amor de cada um de nós com Deus. Cada um de nós é como o girassol, como a flor que se abre ao sol que desce. E quando o sol desce e bate na flor, ela abre, manifesta todo o seu encanto, manifesta toda a sua maravilha.

### ***O apostolado do Oratório: o amor de Deus no coração da cidade***

Não posso deixar de me congratular com um acto importante que os Arautos do Evangelho, de há algum tempo a esta parte já desenvolvem na nossa cidade, no nosso ambiente, que é o Apostolado do Oratório. Maria, Rainha dos Corações, a nossa Rainha, que uma vez por mês quer entrar em cada casa, em cada lar e deixar uma mensagem, deixar a mensagem que Ela aqui está a dirigir a nós todos.

Felicitos os Arautos do Evangelho por esta iniciativa, que é importante porque implanta o amor de Deus no coração da cidade. E a cidade não é feita das paredes das casas. A cidade é feita de corações e de famílias. E se nós entrarmos no coração das pessoas, se entrarmos no santuário das famílias, nós teremos uma cidade renovada, teremos a cidade pronta para ser o ambiente onde as pessoas são felizes e comunicam felicidade à sua volta.

### ***Revista “Arautos do Evangelho” e a Nova Evangelização***

Também, quero aqui lembrar que os Arautos do Evangelho em colaboração com a Associação dos Custódios de Maria têm uma publicação regular, muito cheia de conteúdo, chama-se mesmo “Arautos do Evangelho – Flashes de Fátima”, muito cheia de conteúdo e não só. É importante apostarmos na comunicação, na linguagem, na comunicação com os nossos meios e este jornal, esta publicação periódica é um exemplo de como se deve tratar a mensagem, em termos, em imagem, em formas que são compreensíveis pela nossa sociedade.

O Papa João Paulo II, de saudosa memória, em grande número dos seus documentos, falava na Nova Evangelização. E dizia ele que a Nova Evangelização, não é um novo Evangelho. A mensagem é a de sempre. Trata-se de uma nova lingua-

gem, uma nova metodologia, um novo entusiasmo. De maneira que de-sejo também felicitar os Arautos do Evangelho por entrarem por este caminho de renovar a linguagem da Fé. Tratarmos a Fé e a sua exposição em termos compreensíveis, por que não dizê-lo, sedutores da nossa opinião pública, que por vezes se deixa seduzir por coisas que não têm interesse nenhum, enquanto nós temos a obrigação de ajudar a nossa opinião pública a voltar-se para as fontes da salvação.

Permitam que eu aqui me faça eco duma reacção, de uma leitura, membro da Associação da nossa diocese. Ela manifestava o seu apreço pela forma, pelo conteúdo, pelos temas rigorosos, sérios que são tratados e pela linguagem que é usada, que coloca a mensagem onde ela deve ser colocada. Hoje, os especialistas do marketing e da publicidade sabem como é que isto se faz, por razões económicas e financeiras. Nós havemos de saber fazê-lo por outras razões: razões da Fé, do sobrenatural, desse património que é fundamental para que as pessoas se sintam bem.

### ***Alfobre de vocações sacerdotais e religiosas***

Mas eu hoje não podia deixar de referir uma outra coisa. Os Arautos do Evangelho como um dos novos movimentos eclesiais que apareceram na Igreja. É verdade que o século XX, entre muitas coisas boas trouxe à Igreja, trouxe uma série de chamados, novos movimentos eclesiais. Novas associações, digamos assim, novas formas de traduzir o Evangelho de Jesus na actualidade.

Há uma coisa que eu aqui não queria silenciar. É também alfobre de vocações sacerdotais e religiosas. Lembro aqui a recente ordenação de sete sacerdotes e quatro diáconos que se realizou no mês de Abril em Roma, mais propriamente na Basílica de Santa Maria Maior e que vieram das fileiras dos Arautos do Evangelho.

Congratulo-me com o que se passou, dou graças a Deus convosco e permito-me dizer a todos vós, particularmente aos que agora estão a crescer para a vida e vejo aqui um significativo número, vale a pena nós abriremos o coração a Deus.



**Três novos Oratórios do Imaculado Coração de Maria foram abençoados por D. Manuel Felício, durante a Santa Missa.**



**Depois do almoço, a pedido de D. Manuel Felício, as jovens Arautos do Evangelho cantaram em louvor a Nossa Senhora**

Nossa Senhora quando foi visitada pelo anjo teria quinze, dezasseis anos era normal. Nessa altura, Ela teve alegria e a coragem de abrir as portas da sua vida a Jesus Cristo para lhe dizer: “Senhor faz de mim o que quiseres”.

Desejo dirigir-me a vós, os que estais agora a desabrochar para a vida, vale a pena ter atitudes destas. Nunca ninguém se arrependeu de um dia ter dito “sim” a Deus, mergulhando que seja nalguma obscuridade. Porque na vida, há sempre dimensões menos claras, é o mistério da vida.

De maneira que vos desafio, com Maria, Nossa Senhora, que teve a coragem de dizer “sim” aos catorze, quinze anos, também terdes a coragem de dizer “sim” a Deus. Quando Deus passa pela nossa vida, as maravilhas que Ele deixa são realmente incontáveis.

### ***Ter a coragem de abordar os temas humanos à luz da fé***

O dia de hoje é para todos nós, igreja de Santa Maria, paróquia de Santa Maria, cidade da Covilhã, um dia marcante. Marcante porque nesse sinal é Deus que passa pela nossa praça a dizer-nos que nós não podemos viver de qualquer maneira. Temos que

viver, olhando a Maria, por Maria a Jesus Cristo e em Jesus Cristo encontrando o espelho que nos diz qual há-de ser o caminho que nós como pessoas, como sociedade e como Igreja havemos realmente de percorrer.

Espero no Senhor que este dia de hoje, do nascimento de João Baptista, fique gravado nos nossos corações. Apenas duas figuras, para além de Jesus, das quais nós celebramos solenemente o nascimento, uma delas é João Baptista e outra delas é Nossa Senhora. E o facto de nós celebrarmos o nascimento deste homem precursor de Jesus, nós queremos celebrar por um lado o desígnio encantador de Deus que nos acompanha. Ele é um sinal que Deus não abandona o seu povo. Reparem como São Paulo, quando nos Actos dos Apóstolos se refere a todo arco da salvação, passa por David, passa pelos profetas e João Baptista, o Anunciador. E diz ele, que é aquele maior entre os nascidos dos humanos. Porque João Baptista anunciou o Salvador, mas toda a sua vida foi este sinal desde o ir para o deserto até ao chamar à conversão, até ao anúncio corajoso da verdade e a renúncia da mentira que teve para ele

um preço elevado. E o preço foi ser degolado, mas ele não hesitou diante do preço. Há que escolher. Escolheu corajosamente a verdade, denunciando a mentira até que toda a sua vida, neste arco, nesta trajectória, é de facto um anúncio, é um pré-Evangelho.

“Arautos do Evangelho” diz mesmo o que é que pretende este movimento de Igreja: anunciar o Evangelho. Mas, nós hoje para anunciar o Evangelho não podemos fazê-lo como há cem anos. Temos que o fazer com linguagens adaptadas ao nosso tempo. E essas linguagens estão ao nosso alcance. É preciso ter coragem de abordar os temas humanos à luz da fé, sem medo, sabendo porém que nós hoje estamos numa cultura, num ambiente que pinta doutra maneira a realidade humana e por vezes a desfigura. E nós temos a obrigação de, primeiro, repor a verdade humana no seu lugar para depois a iluminar com a verdade divina.

### ***Maria, a maior evangelizadora***

Que encantadora é a linguagem de Nossa Senhora! Ela é a maior Evangelizadora. Eu mesmo fiz a experiência. Maria preparou como ninguém as visitas pastorais que estou a fazer em Junho e Julho, num dos Arcipresbiteratos. Durante o mês de Maio, em cada uma das paróquias, houve um encontro com Nossa Senhora. Isto tocou as pessoas, tocou-lhes o coração. É que Maria continua a ser a linguagem por excelência do amor de Deus e é importante que Maria seja assim valorizada.

Nós damos graças a Deus pela presença no meio de nós dos Arautos do Evangelho e demos graças ao Senhor. Queremos dizer-lhes que contamos com a sua presença nas nossas comunidades paroquias, nos nossos ambientes, nesta nossa praça pública, que é a cidade da Covilhã, para que o anúncio do Evangelho se faça em linguagens que toca hoje o coração das pessoas e das instituições. ✧





## Fátima, 90 anos

No Sábado, dia 22 de Setembro, a partir das 9h30, no Anfiteatro Paulo VI, venha comemorar os 90 anos das aparições de Nossa Senhora em Fátima connosco. Convide os seus parentes, amigos e vizinhos e, se puder, comece desde já a organizar a ida de autocarros para esta grande festa de louvor a Nossa Senhora e de convívio dos seus filhos e devotos.

Confirme pelo tefone 217 970 827 o seu lugar nos autocarros que sairão das seguintes cidades: Lisboa (preço:10 euros, horário de saída 7h15) , Porto (12 euros, 6h15) e Braga (13 euros, 5h45). O pagamento será feito no autocarro.

### Programa do Encontro Nacional dos Participantes da Campanha “O Meu Imaculado Coração Triunfará!”

- 9:30 Chegada dos participantes no Anfiteatro Paulo VI;
- 9: 45 Acolhida do Coordenador da Campanha;
- 10: 00 Entrada solene e cerimónia de coroação da Imagem do Imaculado Coração de Maria;
- 10:30 Palavras de estímulo aos participantes do Encontro e de enaltecimento das aparições de Nossa Senhora, há 90 anos, em Fátima;
- 11:00 Filme sobre as actividades dos Arautos do Evangelho;
- 12: 00 Almoço livre;
- 14: 00 Terço na Capelinha;
- 15: 15 Testemunhos no Anfiteatro Paulo VI;
- 15:45 Encenação teatral no Anfiteatro Paulo VI;
- 17:00 Na Capelinha, saudação e procissão;
- 17:30 Missa solene na Capelinha.





## **Sodalitium Christianae Vitae: 10º aniversário**

Lima (ACI) - O Vice-Presidente da Pontifícia Comissão para a América Latina, Dom Octavio Ruiz, presidiu em Lima à Eucaristia de ação de graças pelo décimo aniversário da aprovação pontifícia do Sodalitium Christianae Vitae (SCV).

Na sua homilia, Dom Ruiz destacou o trabalho dos membros do SCV a serviço da evangelização e assinou que o aniversário é “um acontecimento que enche de gozo não só os membros do Sodalitium e da Família Sodálite, mas também a Igreja toda que, há mais de 35 anos, enrique-

ceu-se com o surgimento desta comunidade que contribuiu grandemente para uma renovada e fiel difusão do Evangelho”.

A multitudinária Missa foi celebrada na igreja Nossa Senhora da Reconciliação de Camacho. Foi celebrada pelo Núncio Apostólico no Peru, Dom Rino Passigato, e Dom Kay Schmalhausen S.C.V., Bispo Prelado de Ayaviri, assim como numerosos sacerdotes.

## **Como chegar aos não-crentes através da beleza**

Barcelona — Meia centena de teólogos de Portugal e Espanha debateram recentemente, por ocasião das Jornadas bianuais de professores de Teologia Fundamental da Península Ibérica, como a beleza poderá abrir um caminho de comunicação com aqueles que não crêem em Deus, para os ajudar a entrar em contacto com Ele.

Conforme explicou à agência católica de notícias Veritas um dos organizadores das Jornadas, Norbert Miracle, os professores escolheram o tema da dimensão estética da Teolo-

gia a partir da insistência, nos últimos anos, de numerosos teólogos — entre os quais convém ressaltar o então cardeal Joseph Ratzinger — sobre o tema da beleza.

## **Pontifício Conselho para a Cultura comemora um quarto de século**

Cidade do Vaticano (Agência Fides) — O Pontifício Conselho para a Cultura celebrou em 13 de Junho um dia de reflexão, por ocasião dos 25 anos da sua fundação, ocorrida a 20 de Maio de 1982.

“O Pontifício Conselho para a Cultura foi criado por Sua Santidade João Paulo II com a Carta Autógrafa de 20 de Maio de 1982”, recordou o Cardeal Paul Poupard, Presidente do referido Conselho, no seu discurso para a jornada comemorativa.

Junto dos participantes, o Presidente quis reler alguns passos da Carta, que definiu como “a nossa Magna Carta do Dicastério, a nossa constituição, o quadro de referência com as diretrizes que nos orientaram nos 25 anos de vida do Conselho”, “para verificar a sua aplicação e a realização



**Dom Javier Echevarría**

Lisboa (Ecclesia) — Na Missa celebrada em Roma por ocasião da festividade de São Josema-

## **Opus Dei na Rússia**

ria, Dom Javier Echevarría, Prelado do Opus Dei, comunicou que em 26 de Junho tinha começado na Rússia o trabalho apostólico do Opus Dei.

“Hoje a minha alma vive uma alegria especial, da qual gostaria que participásseis. Precisamente hoje, coincidindo com a festividade de São Josemaría, começou na Rússia, de forma estável, o trabalho apostólico dos fiéis do Opus Dei, nessas terras que se estendem do Mar Báltico ao Oceano Pacífi-

co, do Mar Negro ao Oceano Glacial Ártico”, referiu na sua homilia.

Em 1955, durante uma viagem a Viena, São Josemaría confiou esta intenção à Mãe de Deus, invocando-A com a jaculatória: *Sancta Maria, Stella Orientis, filios tuos adiuva!* (Santa Maria, estrela do Oriente, ajuda os teus filhos). Nunca se cansou de rezar por esta intenção, embora a passagem dos anos não deixasse sequer vislumbrar o início de uma solução.

por meio de múltiplas iniciativas promovidas no quarto de século há pouco transcorrido”.

O Cardeal quis recordar os eventos mais importantes realizados nesses 25 anos, “por meio dos quais — disse — buscamos aplicar o que o Santo Padre, na Carta de Fundação, nos pediu para realizar”.

No encontro intervieram, entre outros, o Cardeal Ivan Dias, Prefeito da Congregação para a Evangelização dos Povos; o Cardeal Cláudio Hummes, Prefeito da Congregação para o Clero; e o Cardeal Francis Arinze, Prefeito da Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos; todos os membros do Conselho para a Cultura, que ofereceram cada um uma reflexão sobre as finalidades e sobre a missão do Dicastério nos diversos continentes, o Secretário Padre Bernard Ardura, e o Prof. Vincenzo Cappelletti, que falou sobre “Igreja e cultura no alvorecer do III milênio: o olhar do histórico”.

A Jornada realizou-se na nova sede do Pontifício Conselho para a Cultura, na “via della Conciliazione”.

### **Aprovação pontifícia dos Franciscanos de Maria**

Em recente cerimónia realizada no Pontifício Conselho para os Leigos, Dom Stanislaw Rylko entregou o decreto de aprovação pontifícia da Associação Internacional de Fiéis “Franciscanos de Maria”, tendo em vista os frutos que “produziu na vida de numerosos fiéis cristãos, convertendo-se em um autêntico caminho e escola de santidade e apostolado”, conforme se lê no referido decreto.

Os Franciscanos de Maria nasceram há 19 anos em Madrid (Espanha), por iniciativa de um grupo de jovens desejosos de viver uma experiência de espiritualidade marcada pelas figuras de São Francisco de Assis e da Virgem Maria. Dirigido pelo P. Santiago Martín, o movimento conta com mais de dez mil membros leigos, além de numerosos sacerdotes e se-

minaristas, que pretendem viver e difundir a espiritualidade do agradecimento não só aos necessitados, mas também àqueles catequistas e evangelizadores que estão desorientados, sem motivações espirituais, e que são vítimas do secularismo.

Os Franciscanos de Maria estão presentes em 19 países. Sobre o carisma deste novo instituto pontifício, pode ser consultado o seu site: [www.frmaria.org](http://www.frmaria.org).



### **Irmã Mary Jane Wilson, anjo da caridade e de dedicação aos doentes**

Funchal - No largo da Cruz no Funchal, no dia 30 de Abril de 2007 foi inaugurada uma estátua à memória da Irmã Mary Jane Wilson (1840 – 1916), cuja história desde 1881 está ligada à Madeira. O seu zelo pelos moribundos sobretudo durante o surto de peste bubónica que se manifestou na Ilha, há cem anos, levou-a a tomar conta do Lazareto, para tratar dos doentes.

Na época, o Diário de Notícias atribuiu-lhe o título de “Anjo de Caridade”, devido à sua dedicação para com os doentes, os pobres e as crianças órfãs e negligenciadas.

Infatigável, a Irmã Wilson, chamada de “Boa Mãe” construiu uma obra de caridade para os mais desfavorecidos: escolas, centros de catequese,

dispensário/hospital para crianças e adultos fornecendo gratuitamente remédios aos pobres e fundou a Congregação das Irmãs Franciscanas de Nossa Senhora das Vitórias a 15 de Janeiro de 1884 .

Morreu a 18 de Outubro de 1916 aos 76 anos de idade, com fama de santidade. Desde então, muitas cristãs têm alçado graças por intercessão da “Serva de Deus”, testemunhos encontrados no boletim trimestral da “Boa Mãe”.

O seu processo de Beatificação decorre em Roma.

### **Presidente da Sociedade Teológica Evangélica retorna à Igreja Católica**

Washington (ACI) – Francis Beckwith renunciou ao seu cargo de Presidente da Sociedade Teológica Evangélica (ETS) e retornou à Igreja Católica, que tinha abandonado para abraçar o protestantismo.

Beckwith relata que começou a sua volta à fé em que cresceu, quando decidiu ler alguns bispos e teólogos dos primeiros séculos da Igreja. “Em Janeiro, por sugestão de um amigo querido, comecei a ler os Padres da Igreja, assim como alguns trabalhos mais sofisticados sobre a justificação, em autores católicos. Comecei a convencer-me que a Igreja primitiva era mais católica que protestante e que a visão católica da justificação, correctamente compreendida, é bíblica e historicamente defensável.”

### **Japão: 188 mártires serão beatificados**

Tóquio (Agência Fides) — Alegria e festa na Igreja japonesa: o Santo Padre Bento XVI assinou o Decreto que reconhece o martírio de 188 sacerdotes, religiosos e leigos japoneses mortos pela fé no Japão entre 1603 e 1639. A Conferência Episcopal deste país determinará, de acordo com a Santa Sé, a data da cerimónia de beatificação. O processo foi aber-

to em 1996, por ocasião do 400º aniversário do martírio de Nagasaki.

A causa do Jesuíta P. Pietro Kasui Kibe e dos seus 187 companheiros mártires é a primeira causa de beatificação proposta pelos bispos japoneses e terá um significado especialmente importante para a comunidade católica do país do Sol Nascente, sobretudo porque os 188 mártires são na maioria leigos, entre os quais mulheres e crianças, e apenas quatro são sacerdotes.

Eles morreram para defender o seu direito de professar livremente a religião cristã, opondo resistência não-violenta aos seus perseguidores. “*Não eram activistas de direitos humanos ou militantes políticos, que protestavam contra o regime. Eram apenas pessoas de profunda e genuína fé, que sacrificaram as suas vidas por aquilo em que acreditavam. Eles dão-nos muito o que pensar*” — destacam os bispos japoneses.

Entre os mártires do Japão já reconhecidos pela Igreja estão Paulo Miki e os seus companheiros, Grazia Hosawaka, Ludovico Ibaragi, Michael Kozaki e Takayam Ukon.

### **Os Dez Mandamentos da Estrada**

O Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes (CPPMI) publicou os “Dez Mandamentos da Estrada” e manifestou preocupação pelas milhões de vítimas de acidentes de viação, recomendando aos condutores o exercício das virtudes cristãs, como remédio preventivo para tantos desastres.

No documento “Orientações para a Pastoral da Estrada”, são recordados os 50 milhões de feridos e os 1,2 milhões de mortos que, todos os anos, sofrem acidentes.

Aos condutores, pede-se “controle sobre si próprios, cortesia, prudência, espírito de serviço e conhecimento das normas do Código de Estrada”, lem-

brou o presidente do CPPMI, Cardeal Renato Martino, em entrevista à imprensa.

O uso do automóvel exige o exercício de “*virtudes cristãs*”, como “*a prudência, a paciência e a caridade*”. O documento vaticano dá também uma valiosa recomendação: iniciar qualquer deslocação com o sinal-da-cruz, colocando os passageiros sob “*a protecção da Santíssima Trindade*”.

### **Decálogo dos condutores**

- I. Não matarás.
- II. A estrada seja para ti um instrumento de comunhão, não de danos mortais.
- III. Cortesia, correcção e prudência ajudar-te-ão.
- IV. Sê caridoso e ajuda o próximo em necessidade, especialmente se for vítima de um acidente.
- V. O automóvel não seja para ti expressão de poder, de domínio e ocasião de pecado.

## ***Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude chega a Sidney***

**Sidney (Rádio Vaticano)** — O Bispo auxiliar de Sidney, Austrália, Dom Anthony Colin Fisher, qualificou a chegada da Cruz das Jornadas Mundiais da Juventude (JMJ) e do ícone de Nossa Senhora no dia 1º de Julho, como um “*facto histórico*”, e comentou que “*os jovens de todo o país estão a preparar-se para a vinda e a peregrinação que se realizará a seguir*”.

Para a chegada dos símbolos, foi programado um dia de celebração e oração, tendo sido entoado, pe-



la primeira vez e publicamente, o hino da XXIII JMJ intitulado “*Receive the Power*” (Recebereis a força). Logo a seguir, a cruz e o ícone começarão a sua peregrinação por toda a Austrália.

Os dois símbolos foram recebidos no aeroporto de Sidney por milhares de jovens, bem como pelo presidente do Episcopado australiano, Dom Wilson Philip Edward, Arcebispo de Adelaide, e pelo primeiro-ministro, John Howard, entre outras autoridades.

- VI. Convince os jovens e os menos jovens a não conduzirem quando não estão em condições de o fazer.
- VII. Apóia as famílias das vítimas dos acidentes.
- VIII. Procura conciliar a vítima e o automobilista agressor, para que possam viver a experiência libertadora do perdão.
- IX. Na estrada, tutela a parte mais fraca.
- X. Sinta-te responsável pelos outros.



### ***Áustria: “noite branca das igrejas”***

Viena (Rádio Vaticano) — Depois dos museus, agora também as igrejas permanecerão abertas durante toda a noite, na capital austríaca. Após o sucesso dos anos precedentes, 160 igrejas de Viena permanecerão abertas aos fiéis e ao público em geral, no âmbito da iniciativa intitulada “Noite branca das igrejas”.

Além de Viena, também Linz, Graz, Klagenfurt e Salzburg aderiram à iniciativa: ao todo foram 260 igrejas, que permaneceram acessíveis até à 1 hora da manhã e, em alguns casos, durante toda a noite.

Em Viena estava previsto um amplo programa com mais de mil eventos: concertos, espetáculos, discursos, exposições e orações. Na capela da Hofburg, o antigo palácio imperial, realizou-se um concerto da Orquestra Filarmónica de Viena e outro do famoso coro vienense de crianças.

A Catedral de Santo Estevão — símbolo de Viena — ficou iluminada noite adentro, com lâmpadas multicores. No seu interior, realizou-se um concerto para órgão, com uma obra de Haydn.

### ***Exposição de retábulos nos Estados Unidos***

Nova York (Rádio Vaticano) — A tradição artística do retábulo e da arte devocional ibero-americana do século XIII na cultura e na prática religiosa no México, Peru e Porto Rico, está em exibição no único museu católico dos Estados Unidos: o Museu Nacional de Arte e História Católica, de Nova York.

Os objectos mais antigos pertencem a colecções privadas e a museus dos EUA, e evocam, pela sua função e estética, a história da sua chegada

e assimilação cultural no Novo Mundo, por mãos dos missionários católicos da Espanha, no século XVI.

*“Apresentamos a tradição artística do retábulo e dos santos, levando em conta a sua dimensão geográfica e o facto que o seu arraigamento cultural é tão profundo que a sua prática continua até hoje”* — declarou à agência de notícias espanhola EFE Paul Tabor, subdirector do museu e responsável pela organização dessa exposição.

*“A ideia era fazer os santos o mais realista possível, para que os fiéis pudessem identificar-se melhor com eles. No México, as representações do Cristo Negro, de pele escura e raça indígena, também cumprem essa função”* — disse Tabor.

Os santos e retábulos de artistas famosos ornavam os altares das igrejas e das capelas existentes nas casas das famílias ricas, enquanto as peças feitas por artistas desconhecidos decoravam os altares das casas dos pobres. Apesar dessa diferença de qualidade e de acabamento, além do material utilizado, todos esses ícones seguem uma fórmula estabelecida, que passou de geração em geração, e que é comum tanto nas peças mais finas, quanto naquelas mais rudimentares.

A exposição permanecerá aberta à visitação pública até ao dia 30 deste mês.



## **APOSTOLADO DO ORATÓRIO MARIA RAINHA DOS CORAÇÕES**

***RECEBA O ORATÓRIO DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA EM SUA CASA, UM DIA POR MÊS. SEJA TAMBÉM UM COORDENADOR DESTA APOSTOLADO E ORGANIZE A SUA PEREGRINAÇÃO PELAS CASAS DA SUA VIZINHANÇA. É MUITO FÁCIL.***

ENTRE EM CONTACTO CONNOSCO POR:

TEL.: 212 389 596 - FAX.: 212 362 299

RUA DR. ANTÓNIO CÂNDIDO, 16 - 1050-076 - LISBOA

E-MAIL: [oratorio@iol.pt](mailto:oratorio@iol.pt)

# Que risos tão alegres!

Ninguém haveria de supor que a previsão do pai iria realmente se cumprir. Mas... de maneira muito diferente da imaginada por ele.



Yasodhara Peracini

**A**na empurrava a irmã com força, e o baloiço, solidamente preso por um par de cordas a um robusto galho, ia e vinha, descrevendo arcos cada vez mais largos e elevando a pequena Joana tão alto que ela quase tocava as ramagens da árvore florida. Que bela tarde de Primavera!

— Ela está a voar! Ela está a voar! — gritava Ana.

E todos os outros pequenos, felizes com aquelas alegrias infantis, riam até não poder mais. E como riam! Na verdade, Joana não sabia do que mais gostava: se do delicioso embalo do brinquedo, ou se das risadas da irmã e dos amigos.

Ao fim da tarde, elegantemente vestidos, todos se reuniram no salão da grande casa. Magníficos trajes, aqueles dos últimos anos do século XIX! Era um acontecimento especial, uma festa familiar, pois Maurício, o filho mais novo querido por todos, completava o seu primeiro ano de vida. Para alegria das

crianças, foi servido um grande bolo, e então Pedro, o pai, lembrou-se de pedir a Joana que cantasse. Ela deu um pequeno sorriso, afectando timidez, mas logo começou uma bela canção. Todos ficaram em silêncio, ouvindo, pois a voz da menina era mesmo encantadora. E ela sabia disso.

Ao fim da melodia, muitas palmas, e os seus pais riam contentes, maravilhados, acompanhados por todas as crianças. Até o bebé, também ria feliz. Ao abraçar a pequena, o pai declarou: “Que voz maravilhosa! Joana, minha filha, ainda cantarás em Paris!”

Ninguém haveria de supor que a previsão do pai iria realmente se cumprir. Mas... de maneira muito diferente do que ele podia imaginar.

\* \* \*

Passaram-se os anos, e o vento da boa fortuna levou ao auge aquele período dourado da Belle Époque. Quantos novos inventos! Aeroplanos, fonógrafos e telefones faziam o encanto daquela geração. As duas

irmãs cresceram e cada qual seguiu a sua própria vida. No entanto, elas, outrora tão unidas, trilharam caminhos bem diferentes. A cristalina voz de Jeanette levou-a, de facto, ao brilhante mundo das artes. Ana, pelo contrário, sentiu no seu coração a vocação religiosa e tomou o austero hábito das Clarissas.

Desde então Joana passou a sentir um certo desprezo pela irmã, pois julgava que estava a desperdiçar a sua vida num lugar triste e sem diversões. Ela sim, era esperta! Avançava rapidamente no rumo da fama, da riqueza e do prazer! E ano após ano, isto se confirmava. Cantara nos melhores palcos de Blois, depois alcançara Orléans, onde brilhara por dois anos. E agora... Paris! Sim, o seu nome tornava-se cada vez mais famoso, e quando ela se apresentava, um público entusiasta lotava os teatros.

Numa tarde, ao entrar no quarto do hotel onde estava hospedada durante a sua turnê, repleto de flores enviadas pelos fãs, encontrou a sua amiga e também cantora, Amélia, a

remexer na enorme pilha de cartas sobre a sua mesa.

— Meu Deus, Joana! Quantas cartas de admiradores! Olhe, esta aqui veio de Nantes! Oh... Esta outra é perfumada! Veja, aqui tem um convite para a festa no palácio da Condessa de Mont de Marsan, que chique, Joana! Hei, Jeanette, você não está prestando atenção no que eu falo!

— Não me incomode, Amélia! Estas cartas todas estão cheias de lixo. Esses pretensos admiradores não passam de galanteadores indecentes. E essa condessa não me convida por amizade, ela quer que eu vá só para emprestar um brilho à sua festa. Para ela, eu sou como um lustre aceso no salão, percebe? Um lustre, nada mais...

— Ora, Joana...

Neste momento, o Senhor Antônio, seu empresário entrou eufórico, tropeçando nas flores:

— Joana, Joana, conseguimos!

As duas raparigas olhavam-no espantadas, e ele continuou:

— A Ópera de Paris, Joana! Você vai apresentar-se no Ópera, agora no próximo Verão! Já está tudo acertado, este contrato vai valer milhões! É agora, este é o topo da sua carreira! Estamos ricos!

Ele e Amélia abraçaram-na e deram ruidosas gargalhadas. Mas, no seu íntimo, Joana não sentia verdadeira alegria. Aquelas risadas não eram sinceras. Ela sabia que tanto o Senhor Antônio como Amélia consideravam-na um grande investimento, e só estariam ao seu lado enquanto a sua carreira continuasse ascendente.

Quando eles saíram do seu quarto, ela pôs-se à janela, profundamente pensativa. De repente, sentiu uma intensa saudade dos seus pais, a quem não via há mais de dois anos. E a sua irmã, há mais tempo ainda. A brilhante carreira artística tornou-a rica e famosa, mas roubou-lhe a família, como também as verdadeiras e antigas amigas. Oh! que saudades das ri-

sadas da infância, enquanto brincavam sob as árvores! Os falsos e frívolos risos das pessoas de sociedade, nas luxuosas festas que ela agora frequentava, não podiam comparar-se com aqueles antigos e sinceros risos do seu tempo de menina. Grossas lágrimas caíram sobre o beiral da janela, enquanto a célebre cantora lamentava o vácuo da sua vida de brilho e de fama.

Nisto, um ruído chegou-lhe aos ouvidos. Eram vozes e risos femininos. Olhou para baixo e percebeu num jardim, a certa distância, um grupo de freiras que conversavam e riam no seu horário de recreio. Lembrou-se de que os fundos do hotel davam para o jardim de um convento de religiosas. Prestou atenção e, maravilhada, reconheceu a voz da sua própria irmã. Sim, sem dúvida alguma, era mesmo a Ana! Sabia que ela tinha sido transferida algumas vezes de um mosteiro para outro, mas, no seu desinteresse por tudo quanto lhe dizia respeito, nem tinha ideia de que agora ela estava em Paris.

Fascinada, os seus olhos estavam presos ao rosto da irmã, à distância. Ela parecia tão jovem, tão feliz! E ao ouvir as cristalinas risadas das Clarissas, sentiu uma pontada no seu coração. Eram as mesmas risadas francas, inocentes e sinceras, que ela não ouvia desde a infância. Que risos tão alegres!

Tudo lhe ficou claro, num instante: Ana tinha escolhido o melhor



**“Olhou para baixo e viu, num jardim, um grupo de freiras que conversavam e riam no seu horário de recreio.”**

caminho. Ela tinha boas companheiras que realmente a queriam e respeitavam, visava um fim sério na sua vida, ao passo que ela, Joana, tinha apenas o vazio dentro e em torno de si. No entanto, a jovem cantora sempre fora pessoa de decisões firmes. E naquele momento ela tomou a mais importante resolução da sua vida.

Algumas semanas depois, no meio do escândalo da sociedade parisiense, a famosa cantora Joana cancelava as suas apresentações na Ópera. Numa singela cerimónia, com os seus velhos pais e a sua irmã presentes e transbordantes de felicidade, Joana foi recebida como noviça no mosteiro das Clarissas. Ao abraçarem-se, antes dela entrar na clausura, riram docemente, mais uma vez.

Joana tinha recuperado a inocência e a alegria perdidas da infância. ✧

# OS SANTOS DE CADA DIA

**1. S. Beatriz da Silva, OFM**, virgem (+ 1492).

**Beata Juliana de Collalto**, abadesa (+ 1262). Ainda muito jovem, tornou-se beneditina. Fundou o Mosteiro de São Brás, em Veneza. Possuía uma particular devoção ao Menino Jesus e destacou-se pela sua obediência à Regra.

## 2. XXII Domingo do Tempo Comum.

**Santo Agrícola**, bispo (+700). Após dezasseis anos de vida monástica, foi nomeado bispo de Avignon. Muito zeloso na pregação, empenhado na assistência e defesa dos mais necessitados.

**3. São Gregório**, papa e doutor da Igreja (+604)

**São João Pak Hu-jae e companheiros**, mártires (+1839). Condenados pelos tribunais coreanos ao confessarem ardorosamente a fé católica. Após inúmeras torturas, foram decapitados na Porta Oeste de Seul.

**4. Santa Irmengarda**, virgem (+1085). Condessa de Süchteln, Alemanha, tornou-se ermitã e empregou o seu património na construção de muitas igrejas.

**5. Beato João de Siponto**, abade (+séc. XII). Fundou na Dalmácia o Mosteiro de São Miguel. Adoptou os costumes próprios aos seguidores de São João de Matera: vida comunitária com muitos aspectos de vida eremítica.

**6. Santos Donaciano, Presídio, Mansueto, Germano, Fúsculo e Leto**, bispos (+séc. V). Com o intuito de implantar o arianismo, Hunerico, rei dos vândalos, reuniu-os em Cartago. Leto foi martirizado e os demais exilados, por defenderem a verdadeira doutrina.



“Santa Columba”,  
Museu do Prado, Madrid

**7. Beatos Randulfo Corby e João Duckett**, sacerdotes e mártires (+1644). Condenados à forca na Inglaterra durante o reinado de Carlos I. Randulfo foi preso durante a celebração da Santa Missa, e João ao baptizar algumas crianças.

**8. Natividade da Virgem Santa Maria.**

**Santo Isaac**, bispo (+ 438). Traduziu para o arménio os livros litúrgicos, boa parte da Bíblia e muitos outros escritos católicos. Colaborou o quanto pôde para a cultura, espiritualidade e ortodoxia do seu povo.

## 9. XXIII Domingo do Tempo Comum.

**São Pedro Claver**, sacerdote (+1654).

**Santa Maria da Cabeça**, mãe de família (+séc. XII). Esposa de Santo Isidro Labrador, padroeiro de Madrid. Modelo de esposa e mãe, sobretudo pela sua piedade, paciência e caridade.

**10. São Nemésio**, mártir (+251). Denunciado como cristão ao imperador Emiliano, foi torturado e queimado.

**11. São Pafnúcio**, bispo e confessor (+ séc. IV). Sobreviveu às torturas durante as perseguições de Galério Máximo. No Concílio de Nicéia, defendeu heroicamente a divindade de Nosso Senhor contra a heresia ariana.

**12. Santíssimo Nome de Maria.**

**São Francisco Ch'oe Kyong-Hwan**, catequista e mártir (+1839). Defendeu os católicos e encorajou-os para o martírio durante as perseguições religiosas na Coreia. Foi preso, torturado e morto.

**13. São João Crisóstomo**, bispo e doutor da Igreja (+407).

**São Marcelino**, mártir (+ 413). Amigo de São Jerónimo e Santo Agostinho, com os quais manteve correspondência. Foi morto ao defender a fé católica nas controvérsias com os hereges donatistas.

**14. Exaltação da Santa Cruz.**

**São Materno**, bispo (+séc. IV). Primeiro a governar a Arquidiocese de Colónia.

**15. Nossa Senhora das Dores.**

**Beato Rolando de Médicis**, eremita (+1386). Viveu num bosque onde, por vinte e seis anos, observou estrito silêncio, numa vida extremamente austera.

## 16. XXIV Domingo do Tempo Comum.

**São Cornélio**, papa (+253) e **São Cipriano**, bispo (+258), mártires.

**Santa Edith**, virgem (+984). Educada no mosteiro de Wilton, Inglaterra, onde decidiu abraçar a vida religiosa. Destacou-se pela sua humildade e abnegação, chegando a recusar várias vezes o cargo de abadesa.



**17. São Roberto Belarmino**, bispo e doutor da Igreja (+1621).

**Santa Columba**, virgem e mártir (+853). Dedicou-se aos estudos das Sagradas Escrituras. No decorrer das perseguições de Mohamed I, foi decapitada e o seu corpo lançado às águas do Guadalquivir.

**18. Beatos Fernando García Sendra e José García Mas**, sacerdotes e mártires (+1936). Presos e executados durante a Guerra Civil Espanhola.

**19. São Januário**, bispo e mártir (+305).

**Santa Maria Emilia de Rodat**, fundadora (+1852). Fundou em Villefranche, França, a Congregação da Sagrada Família, para a formação da juventude. Era grande devota da Santa Missa e da Via-Sacra. Combateu o espírito jansenista que, com ares de humildade, pregava a escassa procura dos sacramentos.

**20. Santos André Kim Tae-gon**, sacerdote, **Paulo Chong Ha-sang e companheiros**, mártires (+1846).

**São José Maria de Yermo y Pares**, sacerdote e fundador (+1904). Cuidou dos necessitados com energia e abnegação, sendo conhecido no México como o “gigante da caridade”. Fundou a Congregação das Servas do Sagrado Coração de Jesus e dos Pobres.

**21. São Mateus**, apóstolo e evangelista.

**São Quadrato** (séc. II). Discípulo dos Apóstolos e primeiro apologista.

**22. Beata Maria da Purificação Vidal Pastor**, virgem e mártir (+1936). Católica fervorosa, sobressaía-se pelo cuidado aos enfermos e assiduidade nas cerimónias religiosas. Durante as perseguições da Guerra Civil Espanhola, foi presa, assassinada na es-

trada de Corbera, Valência, e sepultada quando ainda agonizava.

### **23. XXV Domingo do Tempo Comum.**

**São Pio de Pietrelcina**, sacerdote (+1968).

**Beata Elen Duglioli**, viúva (+1520). Nasceu em Bolonha, Itália. Na sua juventude, quis consagrar-se ao Senhor. Diante da oposição dos seus familiares, foi obrigada a casar-se. Após a morte do seu marido, dedicou-se às obras de caridade.

### **24. Nossa Senhora das Mercês.**

**Beatos Guilherme Spencer e Roberto Hardesty**, mártires (+1589). Por confessarem a verdadeira religião, foram enforcados e esquartejados no reinado de Elisabeth I da Inglaterra.

**25. Santo Anacário de Auxerre**, bispo (+605). Irmão de Santa Austregilda. Na sua diocese cuidou muito da disciplina litúrgica e canónica.

**26. Santos Cosme e Damião**, mártires (séc. III).

**São Gedeão**, juiz de Israel. Da tribo de Manassés, libertou o povo eleito das mãos dos madianitas.

**27. São Vicente de Paulo**, sacerdote (+1660).

**Santos Adolfo e João**, mártires (+824). Eram filhos de um mulçumano e uma cristã. Diante da negativa de renegar a fé, foram martirizados em Córdoba durante o reinado de Abderramán II.

**28. São Venceslau**, mártir (+929).

**São Lourenço Ruiz e os seus companheiros**, mártires (+1637).

**Santa Léoba**, virgem (+782). Os rogos de seu parente São Bonifácio, Apóstolo da Alemanha, fizeram com que ela para lá se dirigisse, tornando-se supervisora de todos os conventos da região.

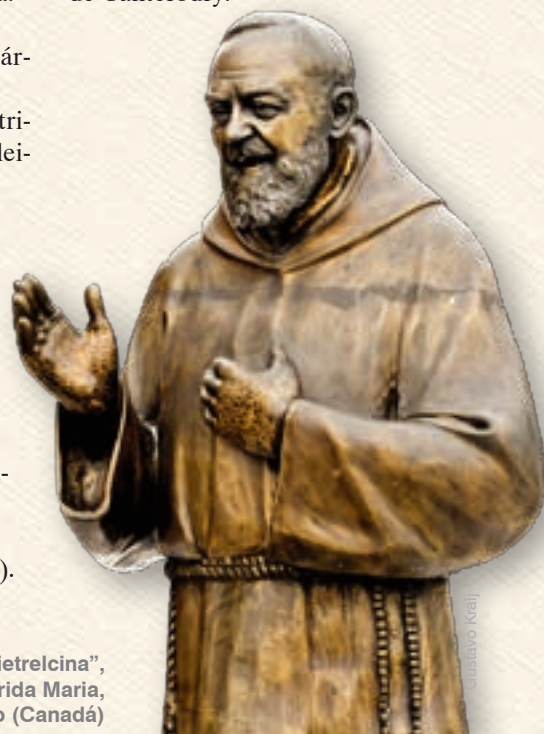
**29. São Miguel, São Gabriel e São Rafael**, arcanjos.

**São Renato Goupil**, mártir (+1642). Ajudante nas missões jesuítas no Canadá. Preso e morto pelos índios Iroqueses quando perceberam que ensinava aos meninos o sinal-da-cruz.

### **30. XXVI Domingo do Tempo Comum.**

**São Jerónimo**, sacerdote e doutor da Igreja (+420).

**Santo Honório de Canterbury**, bispo (+653). Eleito missionário da Inglaterra por São Gregório Magno, sucedeu a São Justo na Arquidiocese de Canterbury.



“São Pio de Pietrelcina”,  
Igreja de Santa Margarida Maria,  
Toronto (Canadá)

# Castelo de Sant'Angelo

A Providência reservava um alto destino para aquele edifício. O antigo mausoléu do imperador haveria de se transformar em pedestal do Príncipe das Milícias Celestes.



Victor Hugo Toniolo

**A** grande expansão do Império Romano fez dos seus imperadores os senhores do mundo. Em tal situação, era-lhes difícil não se deixarem tomar pelo orgulho e, pretendendo a veneração dos seus súbditos, atribuírem-se direitos divinos.

Fazia parte da religião romana o culto à memória dos antepassados, bem como à dos grandes homens. Quando algum personagem tinha dúvidas quanto à sua estatura moral, procurava algum subterfúgio para obter que a sua memória fosse venerada após a sua morte.

Assim o fez Adriano, imperador do séc. II: construiu para si um mau-

soléu, mais como monumento que o imortalizasse do que como lugar de descanso dos seus restos mortais. O local por ele escolhido foi um grande prado junto ao rio Tibre, próximo à Colina Vaticana. Ali ele levantou um edifício circular de enormes dimensões, com linhas austeras e fortes, símbolo do seu domínio sobre todas as nações.



Após a morte de Adriano o mausoléu acolheu as cinzas de diversos outros imperadores, tendo sido Caracalla o último a ser nele sepultado.

Mas a Providência reservara um destino muito mais alto para aquele edifício.

Em 590, uma terrível peste assolou a Cidade Eterna, e o próprio Papa Pelágio II foi uma das suas vítimas. Diante deste pavoroso flagelo, o seu sucessor, São Gregório Magno, antes mesmo de ser coroado Papa, determinou que uma procissão de três dias percorresse todas as ru-

as de Roma, suplicando a Deus que a livrasse de tão grande mal.

Até o cortejo processional era um espetáculo desolador, pois alguns dos seus participantes caíam mortos — vítimas da peste — mesmo durante os hinos e as orações. O Papa, porém, permanecia firme e confiante, presidindo a procissão. E eis que um imprevisível fenómeno fez interromperem-se as ladainhas.

Quando a cabeça da procissão começou a atravessar a ponte que se estendia diante do Mausoléu de

Adriano, apareceu no céu, a pairar sobre o edifício, o Arcanjo São Miguel. Diante da vista atónita de todos e do olhar maravilhado do Papa, o Serafim embainhou a sua espada de fogo, significando que Deus decidira suspender o castigo e a peste tinha terminado.

O mausoléu do imperador transformara-se em pedestal do Príncipe das Milícias Celestes. Nunca mais o povo foi capaz de chamar esse edifício pelo seu antigo nome; passou a denominá-lo Castelo de Sant’Angelo, a Fortaleza do Santo Anjo. ✧





"Assunção de Nossa Senhora"  
Igreja da Trinità dei Monti, Roma

Gustavo Kralj

**Ó** Virgem bem-aventurada, que não se fale mais da Vossa misericórdia caso haja um só homem que se lembre de que, tendo-Vos implorado nas suas penas, Vos tenha encontrado insensível ao seu pedido. Sempre

*louvaremos as vossas virtudes, mas a misericórdia é-nos cara entre todas, porque somos miseráveis e pecadores. É à Vossa misericórdia, tão doce para os infelizes, que dirigimos as nossas orações fervorosas.*

*(Coletânea de Orações da Condessa de Flavigny)*